

ILUSTRAÇÃO

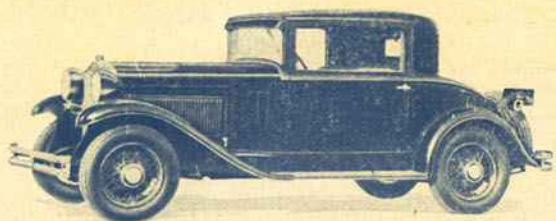


A N O
- 5.º -

Lisboa, 16 de Julho de 1930

Revista portuguesa de maior tiragem e expansão

Número
- 110 -



APESAR DA SUA
ELEVADA
CATEGORIA
ESTÁ AO
ALCANCE
DE
TODOS



FIAT 521

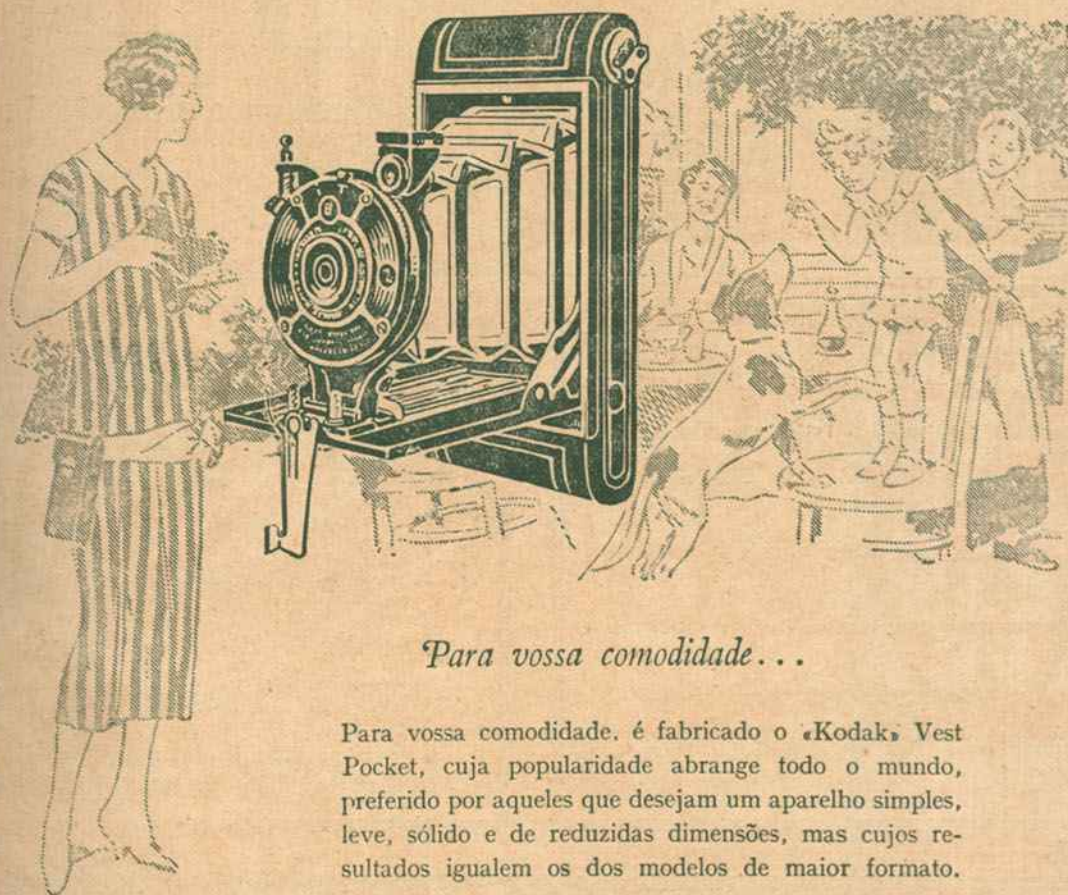
IL6609170
302709170
302709170

FIAT PORTUGUESA S. A.

PALACIO DA AVENIDA - Avenida da Liberdade, 253 — Rua de Santa Catarina, 122

LISBOA - Tel. N. 2928

PORTO - Tel. 1094



Para vossa comodidade...

Para vossa comodidade, é fabricado o «Kodak» Vest Pocket, cuja popularidade abrange todo o mundo, preferido por aqueles que desejam um aparelho simples, leve, sólido e de reduzidas dimensões, mas cujos resultados igualem os dos modelos de maior formato.

De volume tão limitado que o podereis transportar no bolso do vosso colete, o «Kodak» Vest Pocket, Modelo B, está sempre pronto a obter excelentes fotografias, dando-vos a certeza de que não perdereis nenhum dos assuntos que vos interessem por mais imprevista e rapidamente que eles surjam.

“Kodak” Vest Pocket

Modelo B

recomenda-se ainda pelo seu preço extremamente económico, e que vos garante a aquisição do mais elevado grau de qualidade que, pelo mesmo dispêndio, podereis obter, como acontece sempre com todos os aparelhos fabricados pela Companhia «Kodak» — a casa que primeiro produziu aparelhos fotográficos para amator.

«Kodak» Vest Pocket, mod. B, com lente acromática 130\$00
 «Kodak» Vest Pocket, mod. B, com lente Doublet 190\$00

Podereis adquirir o «Kodak» Vest Pocket, ou qualquer outro modelo «Kodak», nos estabelecimentos que possuírem esta placa, e onde vos ensinarão, em alguns minutos, a manejar o vosso «Kodak», de modo a obter boas fotografias desde o início. Ali encontrareis também Película «Kodak» — em embalagem amarela — a preferida pelos bons amadores.



Kodak Ltd., R. Garrett, 33-Lisboa

Todos devem ler

"A CARTILHA COLONIAL"

de Pedro Muralha

Cujos capítulos são os seguintes :

- I — As nossas descobertas marítimas.
- II — As nossas conquistas.
- III — A nossa extensão territorial, população e divisão por zonas.
- IV — Cidades, rios navegáveis, portos, caminhos de ferro e climas.
- V — As possibilidades económicas das Colónias Ultramarinas.
- VI — As missões religiosas.
- VII — As correntes emigratórias.
- VIII — A colonização portuguesa em países estrangeiros.

Elegante cartanagem com mapas das nossas colónias e profusamente ilustrada.

PREÇO 5\$00

Pedidos à sucursal do «Diário de Notícias», Largo Trindade Coelho.

**Aos Estudantes dos Liceus
e aos Professores**

Recomenda-se a Coleção Patricia

Que contém a história da nossa literatura em pequenos e elegantes volumes.

Os volumes publicados são :

- | | |
|--|------------------------------|
| 1 — Camilo Castelo Branco (2.ª edição) | 16 — Gil Vicente |
| 2 — Fialho de Almeida (2.ª edição) | 17 — Camilo e o Centenário |
| 3 — Os melhores sonetos brasileiros (2.ª edição) | 18 — Júlio Denis |
| 4 — Alexandre Herculano | 19 — Júlio Dantas |
| 5 — Gomes Leal | 20 — Ex-libris |
| 6 — Eça de Queiroz | 21 — Sonetos contemporâneos |
| 7 — Guerra Junqueiro | 22 — Sá de Miranda |
| 8 — Eugénio de Castro | 23 — Nicolau Tolentino |
| 9 — Os eternos sonetos de Portugal | 24 — Garcia de Rezende |
| 10 — A Batalha (2.ª edição) | 25 — Latino Coelho |
| 11 — Bocage | 26 — Soror Mariana |
| 12 — Marcelino Mesquita | 27 — Ramalho Ortigão |
| 13 — As mais lindas quadras populares | 28 — D. João da Câmara |
| 14 — António Nobre | 29 — H. Lopes de Mendonça |
| 15 — Marquesa de Alorna | 30 — A Cerâmica |
| | 31 — Cartas de Soror Mariana |
| | 32 — Júlio Cesar Machado |
| | 33 — Manuel Bernardes |
| | 34 — Gonçalves Crespo |
| | 35 — Fernão Lopes |

Preço de cada volume da coleção: 2\$500

A venda na Filial do «Diário de Notícias», Largo de Trindade Coelho, n.º 10 e 11 e nas outras livrarias.

Guerra Junqueiro e a Mulher

Nesta conferência, pronunciada no Ateneu Comercial do Porto e na Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa, pela distinta e conhecida escritora **D. Emilia de Sousa Costa** surge em toda a sua grandeza a personalidade literária do assombroso poeta português já falecido.

Preço 2\$50

A venda na Filial do «Diário de Notícias»,
Largo de Trindade Coelho, n.º 10 e 11

Grande Novidade Literária **FUMO DOS CASAIS**

DE

MARIA DA NOBREGA

Livro em que perpassam por nós, num delicioso encantamento, catorze magníficos contos

Flores de Pascoa — Tristezas do mar — Uma noite de insónia — Os tamanquinhos novos — Andorinhas — Uma noite de Natal — «Males de amor com amor se curam» — Clarão bendito — Ressurreição — A caçada do tio Louzado — Ansiedade — Surpresa trágica — Malfadada — O final da história

PREÇO: 10\$00

A venda na livraria do «DIÁRIO DE NOTÍCIAS», Largo de Trindade Coelho, 10 e 11, e em todas as livrarias

Muito melhor do que
eu e muito mais facilmente

**LE VÉRASCOPE
RICHARD**

dá a illusão da realidade
e do relêvo.

É um aparelho
extraordinário



FORMATS
45 X 0-13 7 13

**L' HOMÉOS
LE GLYPHOSCOPE
LE TAXIPHOTE**

CATALOGO GRATIS A QUEM O SOLICITAR



5th Ath des Etabliss^{ts} JULES RICHARD. 25 Rue Melingue Paris
Magasin de Vente: 7 Rue La Fayette Paris

...**Grças a Deus**



que me recordei da **CAFIASPIRINA**, medicamento cuja eficacia presenciei em varias ocasiões entre a numerosa clientela de meu Papá e em casos desesperados. Mandei á farmacia por um tubo original e poucos minutos depois de haver tomado dois comprimidos, senti-me completamente aliviada, obtendo naquela noite um belo exito artistico.

... Assim pensa um como tantos outros.
Va. Exa. mesmo se convencerá.

CAFIASPIRINA

nos traz o bem estar, alivia o cerebro e não ataca o coração nem os rins.

Durante
o calôr



Não se pode absorver impunemente qualquer bebida; ha uma que se deve usar, só ou misturada com vinho. Obtem-se deitando em agua potavel os

Lithinés de D' Gustin

que vos darão uma agua deliciosa, dissolvente do ácido úrico e combatendo as afeções dos Rins, Fígado, Bexiga, Estomago e Intestinos.

**MAGAZINE
BERTRAND**

CONTINUA A MANTER
A SUA SUPREMACIA
LEIAM O NÚMERO DE JULHO

Grande novidade literária:

**O H O M E M
QUE MATOU
O D I A B O**

**A última obra do mestre
==== romancista ====**

AQUILINO RIBEIRO

Acaba de ser posta à venda

1 volume de 360 páginas, brochado . . . 12\$00
Encadernado 16\$00

PEDIDOS ÀS

Livrarias AILLAUD e BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UMA INDISCUTIVEL VERDADE

CHRYSLER-SIX

6 TIPOS DE AUTOMOVEIS

SEMPRE OS MAIS PERFEITOS E SEM RIVAL

na accleração fulminante, na duração comprovada, no silencio e na economia

IMPERIAL

77
75
70
66
65

AGENTE GERAL

A. BEAUVALET

Rua 1.º de Dezembro, 137 — Lisboa

CASA FUNDADA
EM 1902

NO NORTE

ANGEL BEAUVALET

Rua Santa Catarina — Porto



O Prestigio do "Sal de Fructa" ENO

Ha mais de sessenta anos que o "Sal de Fructa" ENO conquistou definitivamente a sua reputação universal. Graças ás suas propriedades suavemente laxativas, o ENO exerce uma acção benéfica no estomago e no figado, sendo o remedio mais eficaz para corrigir e fazer desaparecer as perturbações do aparelho digestivo. É o melhor preservativo contra a enxaquecas, azias, flatulencia, provenientes das más digestões habituais. O ENO é util a todos, e todos - creanças e velhos - o podem tomar.

Uma colher das de café num copo d'agua, de manhã e de noite.

SAL DE FRUCTA ENO FRUIT SALT

Depositarios em Portugal : ROBINSON, BARDSLEY, & C. LTD.
8, Casa do Sodré, LISBOA.

Biblioteca de Instrucção Profissional

A mais completa que se publica em lingua portuguesa, e tão proficiente como a melhor das que se editam no estrangeiro

ULTIMO VOLUME PUBLICADO:

Trabalhos de Carpintaria Civil

6.^a edição, revista e ampliada. Trata-se de um volume escrito por uma reconhecida autoridade no campo da construção civil o sr. Engenheiro *João Emilio dos Santos Segurado*.

394 páginas e 448 gravuras — PREÇO 15\$00

OUTROS VOLUMES RECENTES:

Manual do Condutor de Automóveis

Nova edição, ainda com mais gravuras do que a primeira e versando já os mais modernos aperfeiçoamentos introduzidos na indústria automobilista.

670 páginas e 715 gravuras — PREÇO 30\$00

FISICA ELEMENTAR

pelo capitão *Valdez Bandeira*, segundo o programa dessa disciplina nas Escolas Industriais e Comerciais

Elementos de História da Arte

pelo professor e ilustre pintor *J. Ribeiro Christino da Silva*

Manual do Torneiro e Frèzador Mecânicos

NOVA EDIÇÃO

307 páginas e 372 gravuras — PREÇO 13\$00

OBRAS NOVAS E NOVAS EDIÇÕES, NO PRELO:

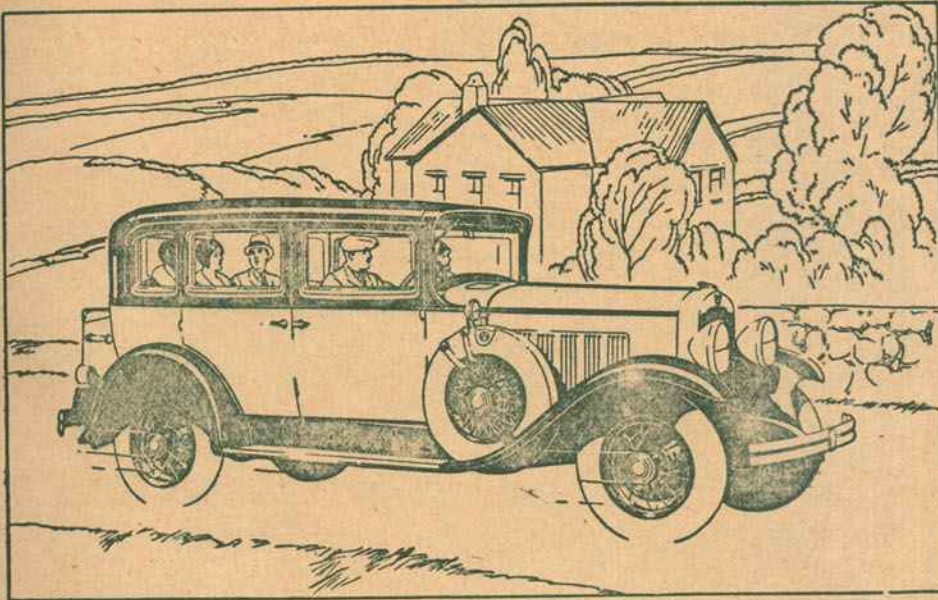
Elementos de projecções — Ferreiro — Vocabulário Técnico

DIRIGIR PEDIDOS ÀS

Livrarias AILLAUD E BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

REO

Maior comodidade ao reduzir o ruído ao mínimo



Ao conseguirem um funcionamento silencioso, os engenheiros da REO obtiveram o que até ha pouco se considerava impossivel, em automoveis deste preço.

O motor REO é tão silencioso que só se comprehende que está funcionando quando se observa que o carro está em marcha.

As molas são também silenciosas estando as suas extremidades ligadas ao chassis por meio de cautchuc e, o que é mais importante ainda, a carrosserie é também silenciosa. Os engenheiros da REO, lograram eliminar todos os guinchos e chiada produzida pelos remates e pernes mal apertados, soldando todas as partes susceptíveis de fazerem este ruído.

As peças que não podem ser soldadas teem nas juntas, uma fita especial que evita faes guinchos assentando, além disso uma camada de feltro que asseguraum silencio constante no rodar do carro.

[*REO são as iniciais de Ramson E. Olds, um dos primeiros fabricantes da industria auto-motriz, fundador, com outros, ha 27 anos, da REO MOTOR CAR COMPANY, e actual Presidente do Conselho de Direcção da dita firma.]

AGENTES GERAES
CONTRERAS & GARRIDO, Lda.

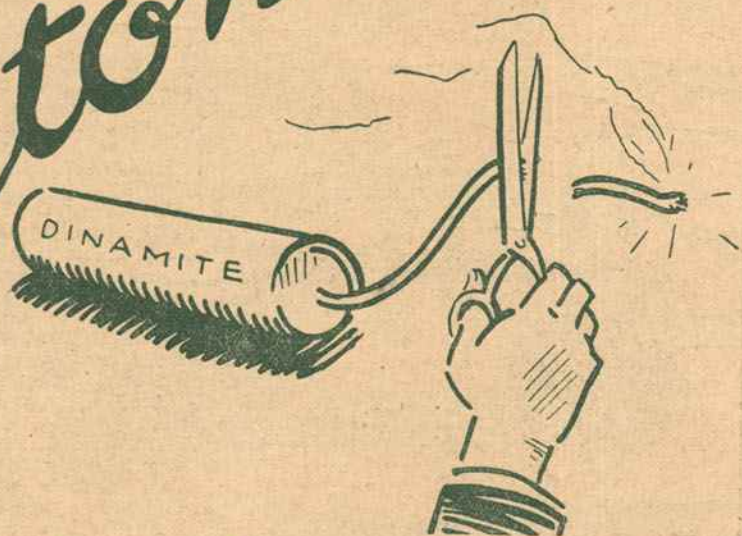
Avenida da Liberdade, 165-171
LISBOA : : : Telf. N-6795 e N-789

AGENTES NO NORTE
ANTONIO MARQUES DA FONSECA

194, Rua Augusto Rosa -- PORTO

REO MOTOR CAR COMPANY—LANSING

para
evitar
a detonação



738

a experiencia recomenda

Auto- Gazo

Gazolina anti-detonante

VACUUM OIL COMPANY

Fabricantes dos Óleos Gargoyle Mobiloil

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Procição)
Telef. T. 871

EDITOR: Augusto Brito

ANO 5.º — NÚMERO 110

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO:

JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR:

JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

TODOS OS ASSUNTOS DE PUBLICIDADE TRATAM-SE EXCLUSIVAMENTE NA RUA ANCHIETA, 25 — TELEF. C. 1084

PROPRIEDADE DE:
EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE
E
AILLAUD LTD.ª

ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78
Telef.: T. 821 a 824

16 DE JULHO DE 1930

O 150.º ANIVERSARIO DA CASA PIA



A «CASA PIA» FESTEIOU o seu 150.º ANIVERSÁRIO. BEM SE PODE CLASSIFICAR ESTE FACTO COMO O DE MAIOR REALCE DA NOSSA VIDA SOCIAL NA QUINZENA QUE FINDOU. NUM PAÍS EM QUE A FILANTROPIA É UMA PRENSA DE SOCIEDADE, EM QUE A REVERÊNCIA SOCIAL SE EXERCE COMO ESCOLA E NÃO COMO O MAIS ALTO DEVER INERENTE À QUALIDADE DE HOMENS, UMA INSTITUIÇÃO QUE HÁ SÉCULO E MEIO, INQUEBRANTAVELMENTE, FORNECE AO PAÍS CIDADÃOS COMPLETOS, ÍNTEGROS MORAL E INTELLECTUALMENTE, UMA INSTITUIÇÃO QUE NIVELA ARDENTEMENTE, HÁ 150 ANOS, AS DESIGUALDADES DE CASTA E DE FORTUNA, MERECÊ O BENEDITO FRUITO DE ADMIRAÇÃO COMO MEU ADMIRABILÍSSIMA. AS FOTOS QUE INSERIMOS MOSTRAM-NOS O MAGNÍFICO REFEITÓRIO DOS ALUNOS, O MESMO QUANDO DA REFEIÇÃO SERVIDA PELAS FAMÍLIAS DOS ANTEGOS EDUCANDOS — O PROFESSOR CRUZ FILIPE DISCURSANDO NA Sessão SOLENE E A MESA QUE PRÉ-

SIDIU AO MESMO ACTO, VENDO-SE À DIREITA O ACTUAL DIRECTOR CORONEL CÂMARA LEME, E FINALMENTE, EM BAIXO, UMA CAMARATA À HORA DO BANHO E UM ASPECTO DOS EXERCÍCIOS GINÁSTICOS EM PARADA



CRONICA DA QUINZENA

De certo é a literatura o instrumento mais poderoso de que dispõe a França para a sua influência no mundo. Servida por um idioma admirável de clareza e de precisão, os seus romances leves ou de ponderosa lavra, as suas obras de história, os seus tratados de ciência ou de arte vão a todos os bécos do globo. Este comércio, ao passo que constitui uma fonte de receitas apreciável, contribui mais para o prestígio e interesse francês que as representações juntas de diplomatas e caixeiros viajantes. Quem, de certa categoria mental, não passeou os bulevares das suas cidades, veraneou nas suas praias, visitou os seus museus, em espírito esteve em tôdas estas partes mercê do livro? É o livro que lhe prepara ambiente para os homens de negócios, para os agentes políticos e que, de braço com a gazeta, lhe arrasta para dentro de portas a vaga quotidiana de muitos milhares de forasteiros. A ele, mais que tudo, deve o ser a ama de leite dos países retrógrados ou mal desensaburrados da barbaria, o figurino d'estes e doutros e, suprema vantagem, a abastecedora de seus mercados do bom e da *camelotte*. A aura de simpatia universal que gosa, a admiração que lhe tributam, conquistaram-na os seus artistas e homens de pensamento. A palavra escrita de forma, transpõe, doura... Que móssega pode fazer numa ideia fixa, com carácter de universalidade, o descoroçoamento dum Carlyle?

Sendo o escritor este maravilhoso missionário da civilização francesa, lógico era que recebesse do público e, em particular, das esferas oficiais o apoio e favor que merece. E assim sucede. Nesta temporada do ano, inserta entre os últimos dias da primavera e o aniversário da tomada da Bastilha, tem chovido ouro, muitos milhares de francos na banca dos homens de letras franceses. Nem todos os que aviam prosa para os prelos ficaram habilitados a mandar vir o jantar do *Au cheval pie*, mas não é menos certo que determinadas recompensas com o *Prix de Romand* — 400.000 francos — põem um autor ao abrigo do inverno. Há ainda o *Grand Prix Littéraire*, da Academia — 150.000 francos — e o *Prix Osiris* — 100.000 — que não são para desdenhar. Entre 10 e 15.000 francos são inúmeros os folares desta espécie; a partir de 1.000 aluvião. Todos os géneros literários beneficiam da cornucópia da abundância, o grosso maná vai, porém, para o romance. Como mais desprendidos da terra e das suas necessidades, os poetas ocupam na escala dourada o degrau do fundo.

A par com estes convites pecuniários, pagos de contado, são dignas de menção as Bolsas de Viagem que permitem ao escritor, munido de passaporte diplomático, investido oficialmente de embaixada intelectual, ir devassar mundo. Dêste modo é favorecida uma das tendências mais pronunciadas da literatura francesa actual: o cosmopolitismo. Até à guerra, o teatro literário confinava-se entre a rampa de Chichy e a rampa de Montrouge; os Loti e Paul Adam eram a excepção. Agora invertem-se os campos; raros os que ficam *intra muros* a bater o

velho tamborim parisiense. O francês, mórmente o intelectual, que detestava arrear pé da sua lura, meteu-se a peregrino das sete partidas. Todos os dias aparecerá um que descobriu a América e outro que deslindou o segrêdo de Espanha. As paragens remotas do novíssimo mundo não lhe fazem mêdo. Percorre-as de afogadilho, porque não há tempo a perder, e por via de regra traça delas um painel tão exacto como o que nos legou Marco Polo, do Oriente. Tão exacto, mas não menos pitoresco. O francês verá sempre as coisas e os homens sob um angulo diferente dos restantes mortais. Nisto residia, talvez, a razão secreta do seu encanto e do seu êxito. A partir do divino Anatole, a literatura francesa terá perdido em graça, pureza, espírito, se quiserem; a ância, porém, de originalidade trabalha-a como nunca. Para variar os seus cenários, o escritor entra como um bandeirante pelas plagas mais escusas; torce e retorce a língua, para adquirir individualidade; desentranha no homem as psicologias mais abscondidas; mistura na paleta tôdas as novidades, desde a geográfica à filosófica. Os antigos valores, Deus, honra, família, amor, dinheiro, só os aproveita analisados ao espectroscópio, em formas escapadas até agora à observação. Que resistência oferecerá ao tempo esta literatura centrífuga, polimórfica, lançada fora das calhas habituais civida de impaciência e dêste *quid*, vago, fugidivo, furta-côres, que se chama modernidade?

Explorando uns países, repintando outros, esta literatura serve superiormente à irradiação do nome francês. Por isso as estações oficiais a patrocinam de mão generosa. No Quai d'Orsay faz-se uma verdadeira política do livro; o livro entra como beneficiário em todos os convênios e *modus-vivendi* que se assinem com as nações estrangeiras; nas grandes cidades, como Rio de Janeiro, Buenos Aires, Quebec, as livrarias francesas são subsidiadas pelo Estado. Ao mesmo tempo os direitos dos seus autores são acautelados zelosamente por meio de agentes próprios e consulares. Outros privilégios e mercês são reservados aos cultores das letras, sem falar no palácio de Massa que o Ministério da Instrução lhes instalou quite e livre, com tôda a magnificência, num parque esplêndido para a sede da Sociedade, nem dos milhões de francos, inseridos êste ano no orçamento, para o *outillage intellectuel*.

Dum modo geral há uma cooperação efectiva e solidária de tôdas as forças da nação em prol das letras. No último número das *Nouvelles Littéraires* nota Pierre Mille que o editor é mais audacioso que antes da guerra e não hesita em lançar os novos, que são aos cardumes. «A imprensa, mesmo a

quotidiana, discorre açêra dos livros novíssimo tanto como de política. Na maior parte dos jornais, que antigamente se limitavam a rápidas referências, depara-se-nos uma página de crítica literária, cuidada com esmero.»

Graças aos incentivos de vária ordem, as letras francesas contam hoje uma galharda e numerosa pleiade. Não terão a estatura arrojada dos France e Flaubert, na febre que os consome de produzir, mas honram a sua terra. Ao amortecimento, sobrevindo com o conflito mundial, respondeu a grada sear dos tempos que correm. Tornou a elevar-se bem lato o archote da intelectualidade francesa.

Se de França desviarmos olhos para Portugal que se nos oferece? Uma literatura morta, em regra pobre candeia de azeite a apagar-se, mal reanimada por um ou outro homem de vontade ou lunático, por um ou outro ocioso. Os estadistas portugueses — de letras — só se interessam com as de câmbio. Entre os escritores não há a mínima solidariedade profissional, pois que contam com outra seria numa terra esfacelada uma santíssima utopia. As gazetas consagrando páginas inteiras ao relato dum crime, mas só andando o autor de chapéu na mão, o tío, ai tío, lhe anunciarão o aparecimento do livro. Quando o fazem, é ao desfazio, como benesse e não um dever. Se o autor tem vergonha neste alfofre de desenvergounhados, a obrinha some-se-lhe pelo alcapão do esquecimento. Para que lhe sobre o vento da publicidade, ser-lhe há mester cortejar o director da gazeta, cercar-se de compadres, afagar o jornalista, numa palavra, desdobrar-se em cortezão e trampolheiro. Muitas reputações — não mais sólidas, louvours ao Pai da vida, que a estátua de Nabucodonosor — amassaram-se com êste barro. Quanto a crítica, que actue em proveito d'estes como uma ortopédia e daqueles como uma profilaxia esterilizante, não existiu nem existirá visto que se arraigou nos nossos costumes de maneira inveterada a arte de nos ludibriarmos uns aos outros.

Pelo que respeita ao tratamento que o livro merece dos poderes públicos, basta rememorar o facto notório da salvaguarda paula de que gosa o caríssimo papel chamado de impressão, fabricado em nossa casa por estrangeiros. Aos factores apontados, ajuntam-se as várias alcavalas, percebidas pelo Estado da indústria gráfica, os impostos onerosíssimos que impendem sobre as livrarias e casas editoriais, o recrescimento do analfabetismo, e ter-se há o diagnóstico da crise literária em Portugal. O homem de letras está destinado entre nós a morrer de morte macaca. No futuro haverá mais vendedores de chita e de amendoim. De resto já ouvi na Comissão de Estudos Luso-hispano-americanos, a que tive a honra de pertencer, ouvi a um lente da Ciência Commercials, hoje sócio electivo da Academia, advogar o princípio da igualdade, em matéria de direitos a estipular com o Brasil, na introdução das nossas chitas e dos nossos livros.

AQUILINO RIBEIRO.

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA



NO OVAL — Sir Artur Conan Doyle, o célebre romancista inglês, criador de «Sherlock Holmes», que ultimamente se entregava a profundos estudos espiritas e que acaba de taiecer em Inglaterra. O cminente escritor dedicava os seus ócios a escrever uma grande série de novelas históricas ainda inéditas mas que se espera sejam as suas obras primas.



A esquerda — O grande caçador do Lobão (Angola), Sr. Fernando Campelo, sentado sobre um *CALICAC* (ALACONIA) que matou nos arredores daquela cidade e que é um dos exemplares mais belos que ultimamente têm aparecido. (Foto gentilmente comunicada pelo fotógrafo amador L. Côrte Real)



EM CIMA — O único cão estrábico que se conhece no mundo, com o seu dono, Alberto Bertola, que se prepara para ganhar uma fortuna em Hollywood, fazendo aparecer no filme o seu cão... que é por sinal uma cadela.



A ESQUERDA — Um curioso fenómeno é o gatinho americano «Dukies», do Nebraska, que, como se vê, tem quartos trazeiros de coelho, anda aos saltos, detesta o leite e alimenta-se de ervas.



O Grande Prémio de Madrid, de corridas de cavalos, na importância de 30.000 pesetas foi ganho pelo «Jativas», do marquês de Valderas, que se vê na foto levando o favorito à rédea.



O Conselho Superior Bancário de Madrid reunido extraordinariamente para obstar, por qualquer meio, à assustadora baixa da peseta.



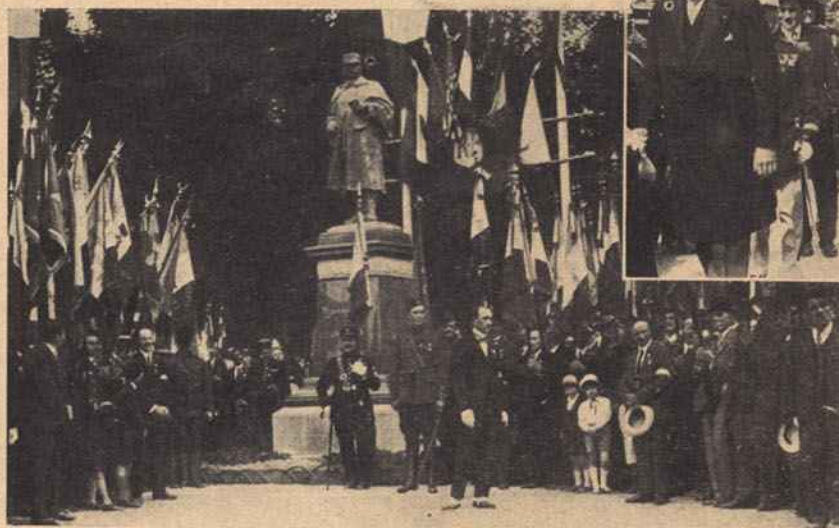
A VISITA MINISTERIAL A BRAGA — No oval — Os ministros do Comércio, Interior e Justiça, depois da inauguração do Palácio da Justiça. — A direita — Chegada dos ministros à Câmara Municipal.



UM MONUMENTO AO MARECHAL JOFFRE — Em Chantilly inaugurou-se um monumento ao marechal Joffre — A direita — O glorioso vencedor do Marne, com outros oficiais generais, assistindo à cerimónia

EM BAIXO — Vista do monumento rodeado pelos estandartes das divisões que combateram no Marne e das associações de antigos combatentes

(Fotos Orrios)



Mironescu, o estadista romeno que formou governo nacional por indicação do rei Carlos

(Foto Orrios)



Sob uma temperatura de 25° abaixo de zero, um avião Junker J4, maior voou 22.000 quilómetros com

gasolina e óleo Shell para estudo das linhas aéreas da Finlândia. O aparelho pousado no lago Thusula



Santiago Alba, o conhecido político espanhol, cuja entrevista em Paris com D. Afonso XIII tem sido muito comentada e diversamente apreciada

(Foto Orrios.)

A ESQUERDA — Tendo corrido insistentemente notícias alarmantes sobre a saúde do Chefe da Igreja Católica, S. S. Santidade o Papa Pio XI desmentiu-as na sua última aparição aos fiéis, dirigindo-se à Basílica de S. Pedro para presidir a actos soleníssimos do culto

(Foto Orrios.)



Maria Marcelina de Matos, a peregrina portuguesa que foi a Roma a pé, fotografada no Instituto de Santo António dos Portugueses. (Foto de H. Viana, conselheiro da Legação de Portugal junto da Santa Sé)





A ilustre poetisa e formosa artista Alice Ogando, que acaba de publicar um delicioso volume de versos; *Chama eterna*, de alta e originalíssima inspiração, destinado a um soberbo e justo êxito literário

A ESQUERDA — Uma festa cheia de pitoresco — O grupo de lindas senhoras que personificou a *Cutlaria de Sheffield*, a mais famosa do mundo, no cortejo das indústrias britânicas no Baile do Império, no Albert Hall de Londres, organizado pela «British Legion». Da esquerda para a direita: Misses Lucy Feord, Marjorie Lancaster, Victoria Yates, Marjorie Heal e Gládes Godwin
(Foto Shasha — Londres)



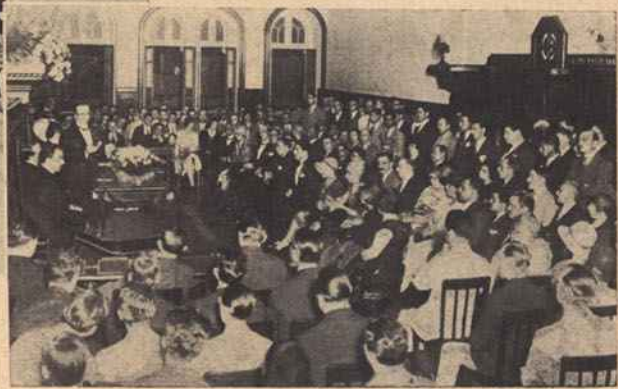
Mário Mendes, o conhecido homem de teatro, secretário da companhia Amélia Rey Colaço, que foi homenageado, recentemente, com uma recita sensacional (Foto H. Novais)

S. EX.^a Benito Mussolini, chefe do governo italiano e do Fascismo, o actual enigma da Europa, cujas atitudes bélicas podem constituir um grave perigo para êle e para o mundo, realiza agora uma «tournée» por toda a Itália na inspecção dos resultados dos seus incitamentos à política agrária. Vemo-lo, na foto acima, nas propriedades do príncipe Ginori, nos arredores de Florença, a magnífica

(Foto Orrios.)



EM BAIXO — No Centro do Minho, do Rio de Janeiro. Um aspecto da sessão solene em que se fez uma apoteótica recepção ao eminente homem público e jornalista dr. Nuno Simões que visitou o Brasil a convite dos seus conterrâneos



O eminente politico discursando entre o Embaixador de Portugal, consul de Portugal, dr. Denis Júnior, comendador José Rainho, conde de Pinheiro Domingues, barão de Saavedra e Eládio Nunes, presidente do Centro do Minho, que constituiram a mesa

(Fotos exclusivas da «Ilustração».)

A EVACUAÇÃO DA RENANIA



EM CIMA—O primeiro monumento erigido a Gustavo Stresemann, na Baviera, como obreiro máximo da paz e da evacuação dos territórios renanos

EM CIMA, à direita—As últimas tropas francesas que abandonaram Mainz em formatura ante a estação de caminho de ferro

NO OVAL—As iluminações populares em Mainz na noite da desocupação

(Foto transmitida a Berlim pela telefotografia.)



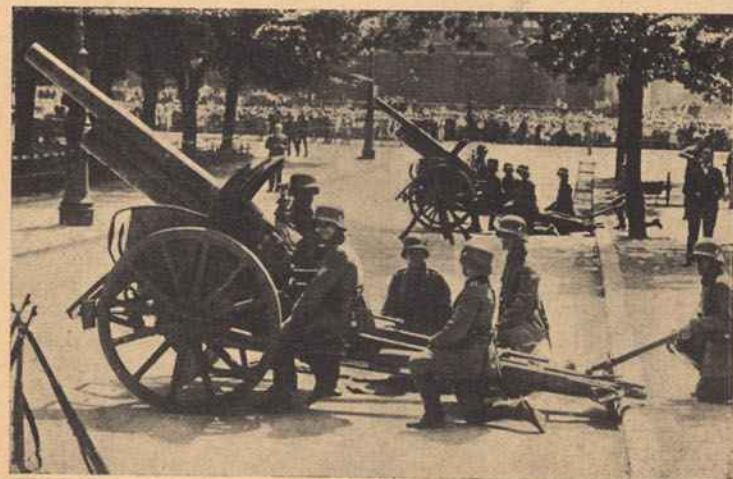
O general Gaillaumet e o alto comissário Tirard, ao chegar a Paris, de volta da Renânia, vão reavivar a chama da Pátria sobre o túmulo do Soldado Desconhecido

À DIREITA—Outro busto de Stresemann pelo professor Seger



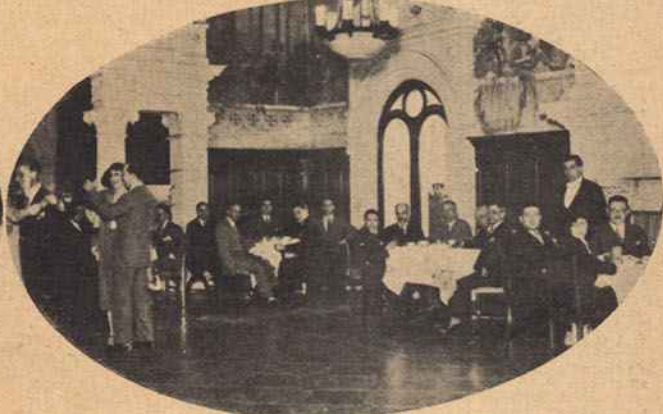
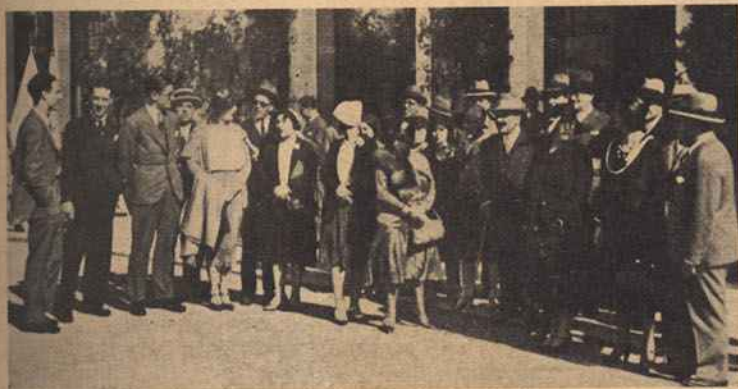
Os últimos momentos em território alemão.— As tropas francesas de ocupação, formam, pela última vez, na praça de Mainz e fazem a continência à bandeira tricolor que vai deixar de flutuar na zona ocupada, pela retirada das tropas para a França

À ESQUERDA—Após a saída dos franceses.— A artilharia, em Berlim, no Lustgarten, dá as salvas do estilo



(Fotos exclusivas e inéditas de Orriot.)

TREZ DIAS NO PARAISO
CURIA—LUSO—BUSSACO
AVEIRO—VALE DO VOUGA
S. PEDRO DO SUL—VOUZELA
AS FIGURAS LOCAIS—A PAISAGEM
VISTOS PELO FOTOGRAFO H. DE NOVAIS E PELO CARICATURISTA TOM



EM CIMA—Alexandre de Almeida e alguns excursionistas à porta do Palace da Curia

EM CIMA—Os excursionistas numa das monumentais varandas do Hotel do Bussaco

NO OVAL DE BAIXO—Um aspecto do chá dançante no Bussaco

NO OVAL DE BAIXO—Outro aspecto do chá dançante no Bussaco

Já o comboio corta, vibrante, a vasta planície ribatejana arfando fresca sob os primeiros sóis da manhã aberta e doirada. Lá está Vila Franca dos Toiros e logo Santarém que foi, ao que parece, quem abriu as portas ao sol, as suas ridentes Portas do Sol por onde o astro rei passa a assolar Lisboa com os seus furores, lá para o meio-dia... Entroncamento dos fer-

rovários, das pontes de cimento armado, Palalvo a fazer-nos negaças com as frescuras do Nabão próximo que se adivinha rumorejante e lédo por entre verdes oleográficos. Albergaria dos pécegos, Alfaiates dos banhistas pretenciosos da Figueira que veem ver quem passa, Coimbra dos doutores e do Choupal, bilhete postal que o mófo fez amarelo e reles na montra da fama

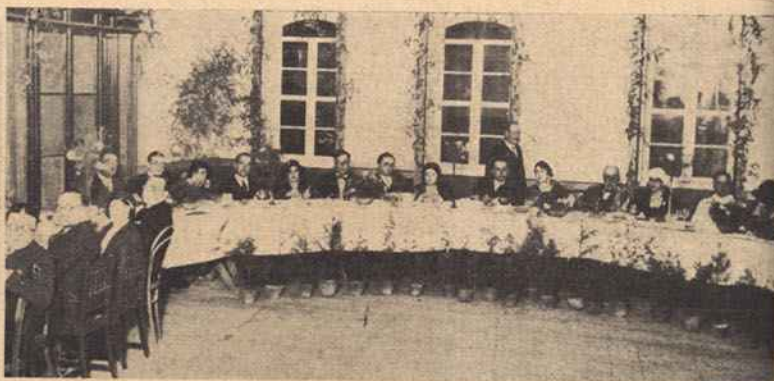
alteratada, logo acima Pampilhosa do Botão com olarias e fábricas de telha poeirentas, Píiu!... Parou o



Velha escola, nova escola—O célebre jornalista Homem Cristo conversando animadamente com o nosso director
A ESQUERDA—Os excursionistas, guiados por Homem Cristo, ao iniciar a visita à Fábrica da Vista Alegre



Na ria de Aveiro — Os excursionistas no barco que os levou a São Jacinto



EM CIMA — O jantar na Associação Commercial de Aveiro
NO OVAL DE BAIXO — Aspecto do pitoresco almoço regional na mata de São Jacinto (Aveiro)



comboio. Quem apitou? Foi Alexandre de Almeida?... Não... mas devia ter sido, já que é ele o senhor e amo daquela tabada crua da Bairrada onde o seu capricho deu um hotel de príncipes junto a um balneário de burgueses. É a primeira nesga do paraíso, este principado de Alexandre de Almeida que se chama a Curia... Mas ele não quer deixar-nos nas primeiras impressões. Leva-nos ao Luso, ao Bussaco, onde o hotel é para testas coroadas... é a segunda porção de paraíso que saboreamos com vontade de não passar dali... Mas o tempo é tirânico. A Curia obscura o nosso hospedeiro. Vamos lá ao banquete e ao baile. Música... o tradicional leitão assado da região, vinho espumoso, saltitante, que pede brindes, muitos discursos. António Ferro fecha esta porta da primeira divisória do paraíso com «duas palavras» extralidas do seu vasto arquivo. Só que o arquivista se enganou e saíram duas dúzias de palavras... Madrugada acre, com o fresco alto, pairando sobre Aveiro. Vozes de comando, fortes, secas. É Homem Cristo, esans-peur et sans reproches, o exemplo mais frisante do feito batalhador do português da Beira litoral, homem da mesma tempera formidável daqueles que conquistaram à ria e ao mar toda a fertilíssima região de Aveiro, obtendo do areal, a força de moção e trabalho, o vinho e o milharal, a salina e a fruta. É o velho jornalista quem comanda agora a caravana. Poderá! Está em sua casa!... Que por direito terá Aveiro como sua casa, que a cidade lhe deve metade do que é... Metade só! A outra metade é do dr. Peixinho, um árabe, risonho, olhos fulsantes detrás dos óculos. Se não fosse a vontade de ferro d'este homem não teria a cidade um hospital prodigioso, uma prodigiosa casa de saúde que, para nós, funciona de Hotel Palace com o maior conforto. Passamos às obras do Porto e Barra. Devem-se a Homem Cristo. A sua energia vai Aveiro dever em breve um porto de Mar, um desassoreamento da ria que a fará senhora e dona da Beira litoral e interior, o grande empório do centro de Portugal.

Mata de São Jacinto. É paraíso, ainda, mas um paraíso com mesa posta e um banquete pantagruélico, petiscos caros da região, a caldeirada do peixe famoso da costa, um vinho saltitante, prodigioso, inspirador de poetas e enamorados. Ferro modernista sente o lirismo envolvente. Esquece Valéry e Gomez de La Serna

e lembra um último romântico, bem comido é certo, mas suspiroso e galante sob o olhar seco e risonho de Augusto Pinto, a quem o dia não correrá bem. Até Frei Luís lhe chamaram, à sobremesa, ao pobre amigo... Vá de abalada, ao desportar do terceiro dia, pela linha do Vale do Vouga. É a companhia ferroviária que, num requinte de gentileza, brinda o comboio especial que devassa o Amago do paraíso, cauteloso, nos torcicolos, como pé ante pé, para lhe desvendar todas as abandonadas formosuras. Três horas de encantamento. Por fim, São Pedro do Sul. Um balneário aberto, o hotel fechado. Como? Porquê? Fala-se em questão entre a câmara e o hoteleiro. Mas não pode

Seja como for, assim não deve continuar. É um rincão magnífico do paraíso que o esquecimento turístico amigulará. E não deve ser assim! Dizem-nos os discursos, ao almoço, que assim não será!... Ótimo! — Que se abra o hotel e então se chamem os turistas, que já há direito a isso!... Em redor, a natureza impressionável e magnânima, desentranha-se em maravilhas albeia às maldades dos homens que a matam com o seu veneno. Uma figura simpatíssima. O dr. Trinta, director das termas. Um médico à antiga, bela figura de apóstolo, alegre, bem humorado, enamorado da sua terra e da sua obra. Trinta como este e estava São Pedro na primeira fila das termas peninsulares, que

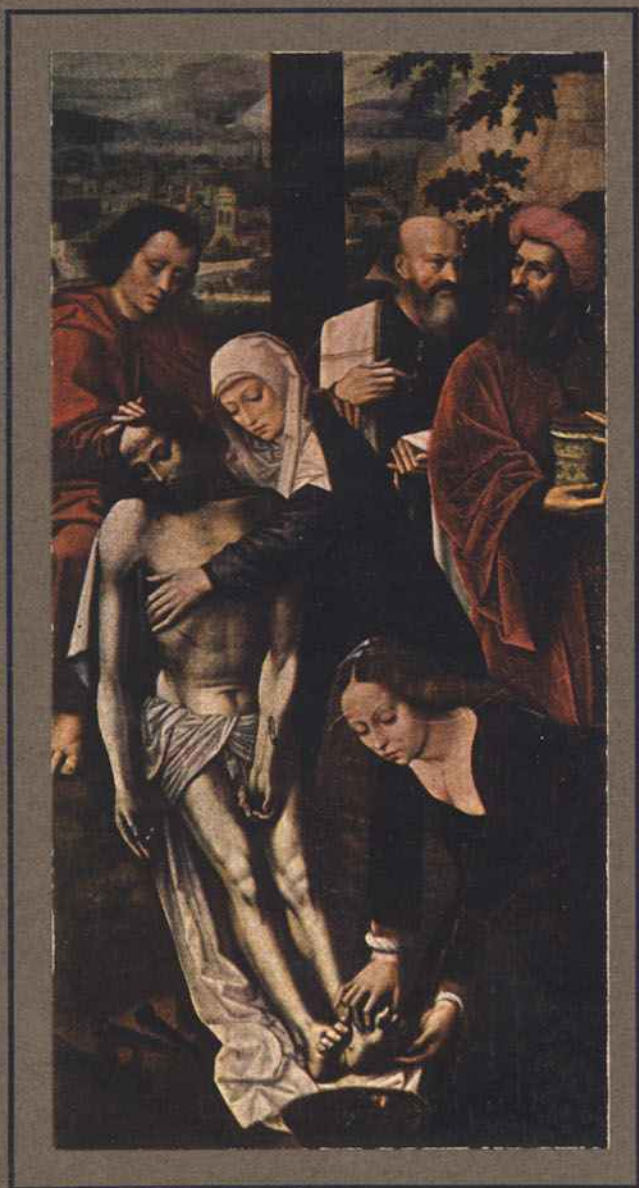


O comboio do Vale do Vouga que conduzia os excursionistas atravessando uma ponte daquela região de sonho
A ESQUERDA — Em São Pedro do Sul — Os excursionistas e as pessoas de representação local saindo do edifício das termas



ser! Estamos num país de normas e portanto, se assim fosse, já a Câmara tinha saído deixando o progresso da terra ao hoteleiro ou o hoteleiro houviera deixado o encargo do hotel à Câmara!...

ben! É merce!... Mas o tempo é tirano. Ala que se faz tarde. Carolina Homem Cristo, guia desta expedição ao paraíso do Vouga, exemplo incrível de energia e pertinácia, levanta as hostes que a sombra e a amietude tornam marralheiras. O comboio apita na estação. Vá de corrida. E há que parar em Vouzela que os vouzelenses, com a imponência do sr. Figueredo, direc-



GERARD

DAVID

(ESCOLA DE)

A

Descida

da

Cruz

A EXCURSÃO

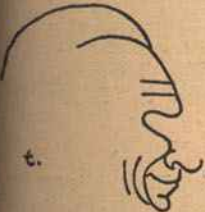
«DO DIARIO DE NOTICIAS»,
«ILUSTRAÇÃO», «NOTICIAS
ILUSTRADO» E «EVA»



Carolina Homem Cristo
que guiou a excursão
ao paraíso



Caiola Zagalo



Augusto Pinto, diplomata-
jornalista

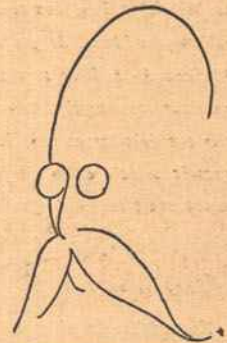


Simões Costa, vivinho
da dita

A CURÍA, LUSO, BUS-
SACO, AVEIRO, VISTA
ALEGRE, VALE DO
VOUGA, SÃO PEDRO
DO SUL E VOUZELA



Alexandre de Almeida,
imperador da Curia



Homem Cristo, pai severo
da Junta Autónoma da
barra de Aveiro, do *Povo
de Aveiro* e da nossa
colga Carolina Homem
Cristo

EXCURSIONISTAS E
FIGURAS LOCAIS
VISTAS POR

T O M

receu o melhor do mundo.
Piiuu!!! Piiuu!!! Lá vem de
escantilhão até Aveiro o
combóiosinho bisbilhoteiro
que nos passou pelo paraíso
que o Vouga banha. E daí
a pouco, sob o fulgor dos
arcos voltaicos, entrando no
combóio de luxo, de ar fas-
tidiosamente europeu, des-



Ferreira Gomes, do *Ilus-
trado*, galaico amador



António Ferro, orador oficial
da excursão... em duas palavras



D. Helena de Aragão e Aní-
bal Brcia, transposição con-
temporânea de Adão e Eva...

tor de finanças, à sua frente,
não nos dispensam duma vi-
sita breve. E lá vamos. É
tudo de corrida, uma corrida
vertiginosa, de auto, por dentro
de uma mata que não inveja
o Bussaco, o monte, alto
de centos de metros, a ermidi-
nha deliciosa rodeada de
muralhas, o mais belo pano-
rama que os meus olhos
ainda viram, o rio Vouga no
fundo da taca, preguiçoso, o
marau, às voltas de capricho,
Serrazes a um lado, São Pe-
dro a outro, a cadeia de
montanhas, em toda a volta,
a recortar o céu magnífico.
E corre, corre, já de volta
que o tempo é tirano, o com-
boiosinho apita impaciente,
com tamanha sanha que nem
nos prende bastante o vinho
fresco, alado, surpreendente,
dos vouzelenses, um vinho
que deve ser, se a minha
guela ressequida me não en-
gana, o melhor de Portugal
todo, já que aquela hora e
sob aquele calor me pa-



Albino Pinto de Miranda,
presidente da Associação
Comercial de Aveiro



O dr. Feixinho, presidente da
Câmara de Aveiro e fundador
do hospital



Amâncio Cabral.
Dr. Magnus Bergstrom, saído de
Fr. Luis de Sousa...

Cruz... com caldeirinha...



Sá, um operador operoso



O presidente da Câmara
de Vouzela



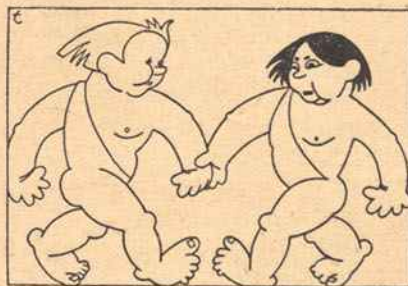
Os representantes provinciais do
Diário de Notícias na excursão:
Viseu, Portalegre e Évora. Em bai-
xo, os inspectores Certá e Nunes
de Carvalho

SATANÁS PEDE A DEMISSÃO

O grande humorista M. Martínez Feduchy, cuja primeira obra, por nós publicada, «Rebate falso», obteve o mais justificado sucesso de leitura pelo seu indiscutível mérito e extraordinária originalidade, dá-nos novamente as primícias dum dos seus contos, uma narrativa formidável de graça e de sátira, umas páginas do melhor sarcasmo, violentas, magníficas, que aqui ficam a honrar a Ilustração e a deleitar os seus leitores. A Feduchy, grande artista e amigo fiel desta revista, o nosso mais rendido agradecimento.

I

No começo da vida, o Bem e o Mal caminhavam de mãos dadas pelo mundo. Queriam-se entranhadamente. O Mal era moreno; o Bem loiro, oxigenado. Criados por Deus numa tarde de inspiração, foram ao



princípio mensageiros dos seus dons; eram os próprios Deus que se perpetuariam naquele par.

Mas, passado algum tempo, o Criador lembrou-se de experimentar a bondade dos seus enviados, suprimindo um deles. E disse-lhes:

— Daqui para o futuro, a tua missão será batalhar com o Bem. Ao amor, oporás ódio, à sabedoria, ignorância e à alegria, dor. Quero controlar contigo a capacidade de virtude do homem que eu criei. Entendeste? Serás o reverso de teu irmão e a bondade só será virtude quando vença a maldade. Parti.

O Bem despediu-se do Senhor com um sorriso, e o Mal deitou-lhe a língua de fora, instintivamente.

O Criador sorriu satisfeito.

— Muito bem, muito bem. Estes rapazes sabem o que fazem.

Surgiu então uma dificuldade. Ele não podia patrocinar as maldades, os desaguisados nem as canalhices daquela mirabolante ideia do mal. Tinha-se declarado infinitamente bom e justo e o Mal ia agora cobri-lo de ridículo. Dar lugar a contradições, nunca! Era infalível e a sua sabedoria ilimitada. Não se podia enganar nem desabafar os seus equívocos com uma blasfemia. Oh, os inconvenientes de ser Deus!...

Depois de cofiar as barbas durante algumas eternidades, lembrou-se dum pobre homem que albergara na sua mansão paradisíaca. Chamavam-lhe Satanás ou «Denónio», e era um pobre diabo.

— Escuta — disse-lhe — necessito que alguém desta casa responda pelas diabruras que o Mal faça na Terra. Vou fazer circular o rumor de que és tu quem o inspira. Criarás, assim, má fama, mas não te preocupes com isso. O teu trabalho será bem remunerado, percebes? Agora, caluda, hein! Julgo que falo com um cavalheiro.

— Fica descansado — respondeu Satanás. —

Serei uma tumba.

Deus esfregou as mãos de contente e contou na tertúlia divina aquela ideia.

— Portar-se há bem — disse-lhe o seu secretário. — Tem imaginação e ocorrem-lhe coisas engenhosas.



Com efeito, Satanás assestou as suas ideias do Mal e durante séculos inspirou aos homens todo o género de maldades, algumas com verdadeira graça. No Céu, era gargalhada pegada com êle.

II

Certo dia Satanás pediu audiência a Deus.

— Que há, maganão? — perguntou-lhe o Senhor. — Senta-te. Estou muito satisfeito contigo. És diligente e honrado... O que se

NOVELA INEDITA POR M. MARTÍNEZ FEDUCHY

diz uma pessoa útil. Graças a ti posso distinguir os bons dos maus e as minhas recompensas são sempre justas. Os homens tiveram que forjar leis, éticas e uma série de diferenças para evitar confusões com os teus inventos e genialidades. Agora, é-lhes mais difícil ganhar o Céu. Custa-lhes bastante. Graças ao Mal posso saber quais são os bons... e...

— Perdão — atalhou Satanás —; venha apresentar-te a minha demissão.



— Que me dizes ?
 — O que ouves. Sinto-me doente. Estou velho e não me saem senão sensaborias.
 — Mas, estás doido! Como me queres deixar nesta situação, abandonado, sem ninguém?...
 — Compreendo, compreendo, mas a saúde acima de tudo. Parece-me que já ganhei o direito ao descanso...
 — Ninguém to nega... Mas, por favor, não me entales. Não estás contente? Não te tratam bem? Se pensas que ganhas pouco, aumento-te o ordenado. Vê lá!...

— Não é por isso, não é por isso. Mas não quero continuar nesta vida. Depois, os homens já não me respeitam, riem-se de mim, cobrem-me de ridículo. Pintam-me com chifres e tu bem sabes que eu... sim! Lá isso não!

— Homem, nem falar nisto é bom. É uma calúnia.

— Também se lembraram agora de me pegar nas costas asas de morcego... com a repugnância que os morcegos me inspiram! Apresentam-me nos seus palcos com um garfo muito grande e dizem que lhes compro as almas. Ridículas pretensões! Não dava por todas elas nem o ordenado dum mês. E que cheiro a enxofre! Cheiro eu a isso, dize lá? O Criador cheirou-o.

— Não! Nada... Não faças caso.

— Não farei, não. Mas apresento a minha demissão, embora sinta muito. Adeus. Ah! e aí te deixo o Mal que me sobrou.

E arrojou-lhe para cima da mesa um pedaço de torcida impregnada do espírito maligno com o qual tinha iluminado o mundo durante tantos séculos.

III

O Mal morreu aquela mesma noite. O Bem assistiu-lhe aos últimos momentos.



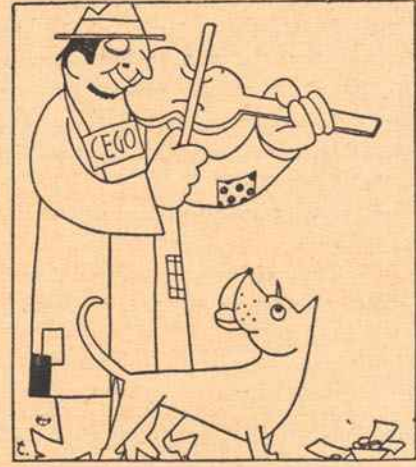
— Satanás mandou-me regressar aqui. Não quero continuar comigo. É a minha sentença de morte. Adeus, irmão.

O Bem despediu-se d'êle, chorando :
 — Não te esquecerei. O que sou devo-te a ti. Sem as tuas maldades, que seria de mim? O meu papel de espírito bom vivia à tua sombra. Faltando-me o teu contraste, eu já nada represento.

Fechou-lhe os olhos e retirou-se muito preocupado.



Ao amanhecer, a humanidade ainda não sabia de nada. A vida começou como sempre, mas a morte do Mal fêz-se sentir imediatamente. Uns ladrões que tencionavam roubar um Banco sentiram repentinamente um vivo carinho pelos seus accionistas. Um assassino ajoelhou-se aos pés da sua vítima no mo-



mento em que ia cravar a navalha e beijou-lhe as mãos.

Os corações empeçonhados pelo ódio começaram a chorar e os amargados contemplaram o céu com arroubo. Os mendigos gritavam : Viva a propriedade! e os cegos tocavam nos seus violinos a Marcha Real.

Era belo ver os avarentos a distribuir dinheiro pelas ruas! Os empregados dos Bancos com a cabeça lançada fora dos «guichets» gritavam :

— Eh! Oiçam! Oiçam! Precisam de dinheiro? Quem quere títulos ao portador? Entrem! Entrem!

A uma senhora que entrou num talho encheram-na de presentes :

— Por favor! — suplicava-lhe o dono. — Leve êste «beefesinho» de lombo. É uma lembrançasinha da casa. Vai um bocadinho de rabadilha? Prefere que lhe mande um leitão?

Os credores rasgavam os recibos entre alaridos de júbilo. Em frente à «Roda» formou-



— se uma grande «bicha». Todos queriam adoptar engeitados. Duas horas depois, houve que pendurar um letreiro : «Acabaram-se as existências». As autoridades lançaram um apêlo às mulheres :

— Propagai a espécie! As rodas dos hospitais funcionarão dia e noite! — asseguravam. Um amigo dizia a outro :

— És o meu melhor camarada e quero dar-te uma prova da minha estima. Sei que te interessa bastante a minha rapariga. Agora está só em casa... Não te enganes; é no primeiro andar. E, piscando-lhe o olho, entregou-lhe a chave da porta delicadamente.

Os carcereiros não davam vazão a abrir os presídios.

— Perdoem-nos, pelo amor de Deus — desculparam-se ante os presos. — Façam favor de sair.

— Não se incomodem — respondiam aqueles —; estamos aqui encantados.

Nas ruas, viam-se os oficiais de braço dado com os soldados.

Um homem, a quem tinham roubado a carteira, desculpava-se com o ladrão :

— Levava tão pouco dinheiro!... Perdoe, sim? O senhor precisa de viver como todos nós. Tenha a bondade de aceitar êste cheque.

— Não posso admiti-lo.

— Bem; nesse caso, vamos bebêlo-juntos. Todo o muudo se oferecia para lavar os campos, limpar os canos de esgôto, ou para irmãs de caridade.

Uma noiva dizia ao noivo :

— Quando quiseres... É só pedir... O papá agradece-te muito.

A gente corria para os hospitais a oferecer-se como coelhos da Índia.

— São necessários dois litros de sangue.

— Estou eu aqui... eu! — gritavam todos.

— O meu é de primeira.

— Eu dou mais. Provem o meu! Todos se abraçavam, trocando entre si expressões de ternura.

— És o que se chama um bom!
 — E tu? E tu?
 — Oh, quem me dera possuir os teus sentimentos!

IV

Passados os primeiros arrebatamentos, começou a notar-se um grande desequilíbrio na vida. Principiou a sentir-se a morte do Mal. Os economistas deram a voz de alarme. O progresso paralizava-se. A vida, sem egoismos, era fácil. Ao desaparecer a ambição e a concorrência, não havia luta.

Nem sequer o aliciante de curar os doentes existia já. Todo o mundo consentia que lhe abrissem o ventre; os corpos entregavam-se à voracidade da lepra com a maior resignação. Os escritores escreviam com penas de pomba.

*
 * *

Os que se sentiam orgulhosos com a bondade que possuíam estavam amargurados. Não conseguiam que as suas boas acções ressaltassem devidamente. Todos as realizavam à compita e cada qual melhor. Os crentes recebiam que Deus não reparasse nas suas penitências. A salvação eterna corria grave perigo. Quem quisesse ser notado tinha que fazer pecar o próximo. E enghavam-se armadilhas. A bondade era tanta e tão unânime que constituía uma verdadeira irritação!

A justiça estava paralizada. Entre os códigos, teciam suas teias as aranhas. Os delegados, que não podiam acusar ninguém, choravam de raiva.

*
 * *

A menor palavra duvidosa e o mais simples gesto interpretavam-se como uma injú-



ria. Se um homem tropeçava numa pedra, murmuravam:

— Vai bêbado...

Os guarda-nocturnos eram acusados de noctívagos.

As igrejas não ia viv'alma. Quando aparecia alguém suspeito de pecador, os clérigos corriam desalentados ao seu encontro e disputavam a murro os confessorários.

— Qual é o seu pecado? Depressa! Um adultério, talvez? Acaso um assassinato com sanha?

— Padre... eu confesso ter lambido um rebugado...

— Gula! Pecado de gula! Para o inferno! — uivavam, rangendo os dentes de prazer.

V

A primeira remessa de almas alarmou o Padre Eterno. Todos foram admitidos após um brilhante concurso.

Então, o Senhor, iracundo, agarrou no Mal e arrojou-o sobre a Terra.

— Não respeites ninguém! Nem os recém-nascidos! Nem o próprio Papa! — ordenou-lhe.

*
 * *

O mal desceu vertiginosamente sobre a Terra. Ainda ele não tinha poisado nos mais altos cumes dos mais altos montes, e já os seus poderosos efeitos se faziam sentir. Não era em vão que há muitos anos a humanidade se encontrava privada do seu benéfico tónico.

Dois apaixonados, que se arrulhavam, sentiram repentinamente o mal invadir-lhes a alma. Sem mais nem menos, ela mordeu-lhe uma orelha, e ele arrastou-a pelo cabelo. Súbito, surgiram todos os rancores e todos os ódios até então aletargados. Os armeiros esgotaram todas as suas existências. Apode-

rou-se da humanidade um espírito homicida. Que graciosas voltas davam os automóveis para caçar os transeuntes! Os crentes perseguiram os caloteiros. A justiça não abandonava os ladrões. Hordas embriagadas percorriam as ruas, lançando gritos estridentes.

Com tanto ruído, o clamor chegou ao Céu. O Criador indignou-se.

— Já estou farto de os aturar! — rugiu. — Vou dar tamanho ponta-pé no mundo que prego com êle na via-láctea!

— Apoiado! — disse-lhe o secretário. — Passas a vida construindo astros e pensas que o espaço é infinito. De resto, que esperas tu dos homens? Para que os queres?

O Senhor ficou pensativo.

— Se queres que te seja franco, não sei. Agora até penso que não me servem para nada.

*
 * *

Decidido, o Criador introduziu a mão direita na fenda do mar Vermelho, e, fincando os dedos contra a África, empurrou o mundo, que começou a rodar vertiginosamente sobre o seu eixo.

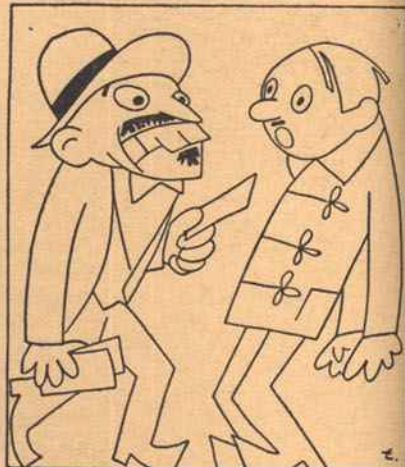
Tão vertiginosamente que o dia reduziu-se a um segundo. Anoiteceu sessenta vezes por minuto. A força centrífuga foi arrojando ao ar os animais e as coisas, salpicando o espaço com todas as classes sociais. A vida desapareceu da Terra. Aquele dia foram batidos todos os records de velocidade.

O mundo ficou raso, sem altos nem baixos, sem obstáculos. Pararam-no. Que estranho espectáculo oferecia, assim mondado, oscilando no espaço!

Depois ataram-lhe uma corda e com um letreiro que dizia «Para arrecadar», arrastaram-no pelo infinito.

E ficou arrecadado no sótão dos astros velhos.

(Bonecos de Tom).



a estatua ôca

EPISÓDIO INÉDITO DA ESTADA EM PORTUGAL DO ILUSIONISTA BOJERSON

(Continuação)

pelo REPORTER X

—Vamos! exclamou de súbito o ilusionista num tom de chefia...

O médico acompanhou-o, na quási corrida com que êle se dirigiu ao palácio; e à medida que do palácio se avisinhavam melhor se distinguia e se detalhava a discussão... E num brusco pressentimento—Oldemiro empalideceu... teria reconhecido a voz de Celeste e de D. Leonor—nas vozes de mulheres que se lamentavam, com desespero, e a do marquês—que proferia ameaças e blasfemias?

Não teve tempo de se certificar... Badalou a sineta do palácio—e logo se apagou todo o ruído... Duas vezes foi necessário puchar o cordão—antes que um criado viesse abrir:

—Diga ao seu patrão que Bojerson pede

O criado, surpreendido, e com ar pouco

—A meio do caminho—explicou Bojerson—dei pela falta de uma pequena mola, segredo de muitas das minhas sortes, e que me faz imensa falta. Tenho quási a certeza que a perdi aqui—mas é tão importante para a minha vida êsse pequeno adereço da scena que não podia descançar sem a ter encontrado...

—Os criados ainda não tocaram em nada—afirmou o marquês. Veja o senhor mesmo... Como meio feiticeiro que é, melhor do que ninguém descobrirá o que procura...

Duas voltas pela sala—e o objecto perdido reaparecia. Oldemiro teve a impressão que a mola viera no bôlso do ilusionista, que ali a escondera na presença do marquês—para ter o pretexto de regressar ao palácio.

—Ainda bem! exclamou, mostrando a preciosa mola ao dono da casa. Agora posso dormir sossegado... Pobre *senhorre doutorre* que teve a maçada de me *acompanharre* até aqui... E pobre *senhorre marrequês*—a quem dei tanto *trralhalho*...

—Trabalho nenhum—garantiu o outro, sem perder de vista o médico e deixando transparecer no rosto, ligeiramente crispado, uma suspeita indefinida.

—Ainda estava a pé, não é verdade?—preguntou, naturalmente, o artista...

—Estava, sim...

—Isso calculei eu e foi o que me deu coragem para bater à sua porta... E calculei—porque, na rua, ouvia-se distintamente o *senhorre marrequês* conversando com sua *maderrinha* e as gargalhadas que a menina Celeste soltava... Não é *verredade*, *senhorre doutorre* que se ouvia tudo *molto bem*?

Oldemiro, como que despertando, e atingindo por fim, numa emoção, todo o objectivo de Bojerson, apenas moveu a cabeça, num gesto de assentimento... Entretanto o marquês, empalideceu; as narinas dilatavam-se; os lábios tremiam-lhe; e os seus olhos, scintilando num estranho brilho, tentavam, com ânsia, transparentar os olhos dos dois visitantes como o navegante que pressente, dentro do nevoeiro, a ameaça dum perigo imenso...

Bojerson que, na sua boa técnica, sabia retirar-se a tempo—deixando o público no deslumbramento das suas habilidades—retirou-se logo, deixando o dono da casa atontado e suspenso numa dúvida grave. E uma vez na rua, abafando, confidenciou ao jovem médico:

—Agora podemos afastar-nos tranquilamente—porque êle não ousará a tornar a atormentá-las...

mente—porque êle não ousará a tornar a atormentá-las...

E ria-se, o bom do dinamarquês. E enquanto êle arranhava os bronquios asfixiando as gargalhadas—Oldemiro perguntava a si mesmo que interesse movia aquele homem para proteger, com tanta inteligência, aquelas duas mulheres...

CAPÍTULO X

QUEM É FREDERICO DE ALCANTARA

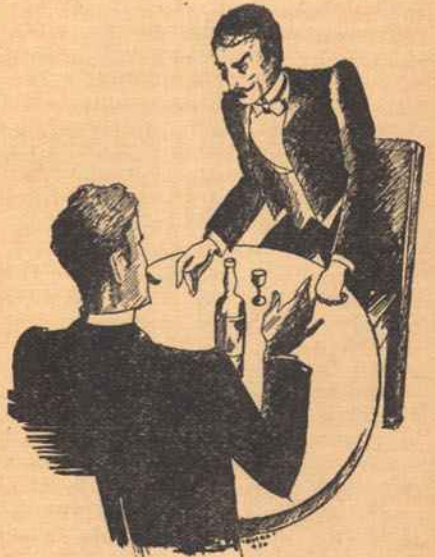
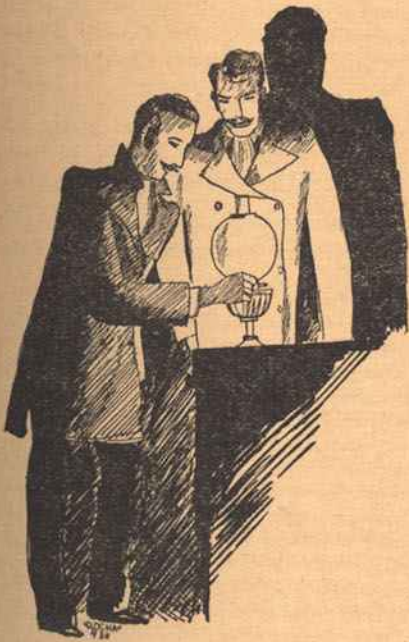
—O *Senhorre Doutorre* compreendeu, já se vê, que eu não tenho nenhum ajudante doente. Por meu lado sei que o *senhorre doutorre* vive próximo daqui. Se a *enferremidade* do meu ajudante foi pretexto para o *senhorre* esquivar-se à scena que o *marrequês* preparava—e se eu a aproveitei também para *podërre* conversar consigo—excusado é que me acompanhe até ao Rossio, onde está o meu hotel. Podemos, se me quisesse *darre* essa honra, ir *parra* sua casa... Eu não sou de *cerimónias*...

—Muito bem, sr. Bojerson... Não direi que precisava igualmente de falar consigo—mas confesso que *precisava* que o *senhorre* *jalasse* comigo... Passaram-se certas coisas esta noite—que só o senhor mas pode explicar... Estamos à porta de minha casa... Queira, pois, dar-se ao incômodo de subir...

O dr. Oldemiro vivia, com a mãe, o que o obrigava àquelas horas da madrugada a andar nos bicos dos pés. Recentemente formado, e com que sacrificios da pobre viúva que quisera que o filho fôsse alguém na sociedade, e embora o início da sua clinica fôsse prometedora, era ainda bem modesto o mobiliário do gabinete onde recebeu o extravagante e generoso estrangeiro. Acêso o candieiro de petróleo, desrolhada uma garrafa de Pôrto, inaugurou-se o diálogo com a frase de Bojerson:

—Antes de mais nada, sr *doutorre* quero entregar-lhe uma carta que está em meu poder e que lhe é dirigida...

O médico recebeu, quási com voracidade o envelope amarelo que o ilusionista lhe entregava. E ao reconhecer a letra de Celeste, afogueou-se num rubor de colegial. Longe dêle a idéa que aquele dinamarquês lhe sur-



amável, retirou-se. A resposta—que se fez esperar—era que o sr. Bojerson podia subir. Quando o marquês entrou na sala e deu com o médico, a custo ocultou a surpresa, a contrariedade e curiosidade que, ao mesmo tempo, lhe produzia a presença do dr. Oldemiro. Mas logo se dominou e indagou do ilusionista que motivo o fizera voltar atrás... *molta*s desculpas mas que necessita falar com êle...

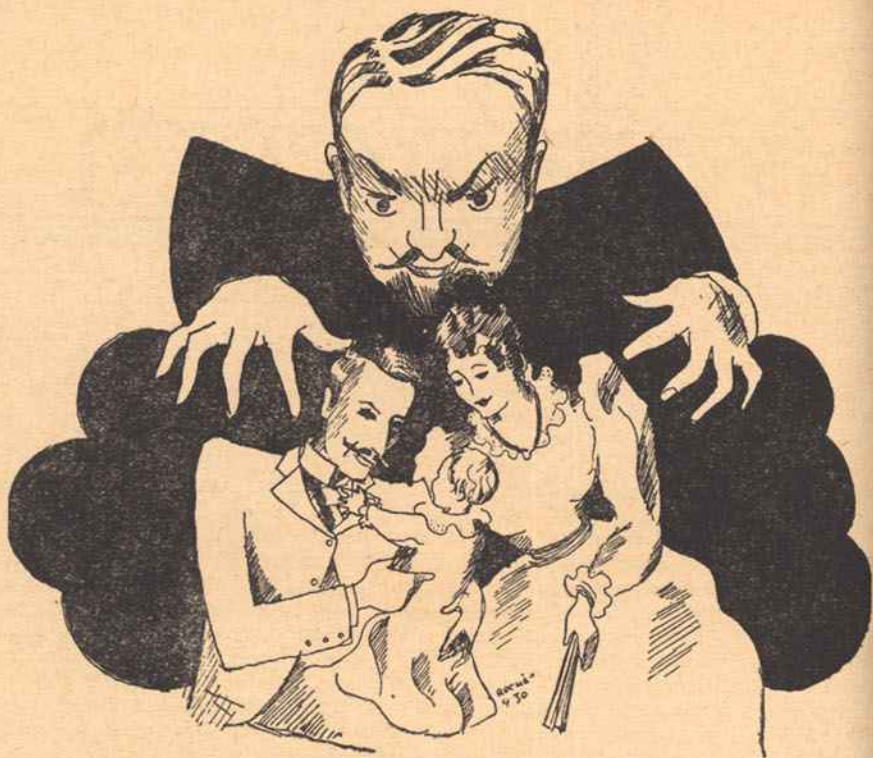
gisse com a missão de correio da sua correspondência amorosa. E como o segredo do seu amor com Celeste estivera até então afechado numa feroz discreção, a surpresa alvoroçou-o, inquietando-o:

— Foi... foi... ela quem lhe pediu para entregar-me esta carta?

— Não foi ela — e não me pergunte como e porque veio parar às minhas mãos. Não há tempo a perder... Reserve a leitura para quando sair... Compreendo bem a sua impaciência... Olhe, para não o socegar dir-lhe-ei, em duas palavras o que a menina Celeste lhe escreveu... Diz que teme que as suas esperanças e o seu optimismo sejam exagerados... Que nem ela nem o *sinhorre doutorre* poderá libertá-las daquela escravatura enquanto estiver em poder do *Marquês* o *penhor* que ele possui... Mas mesmo na hipótese de ser possível um dia tirar-lhe das mãos essa arma com que ele as domina e as obriga a obedecer-lhe cegamente — esse dia chegará sempre demasiado tarde... E chegará tarde porque o *Marquês*, que é um espertalhão como não há outro... (a palavra de *espertalhão* é minha... Não vá o *sinhorre doutorre* pensar que foi a menina Celeste quem a empregou!) porque, como fa dizendo, o *marquês* prevendo que a tal arma lhe fuja, está a usá-la agora, com toda a violência para obrigar a menina Celeste a casar-se com ele... E como eu tenho boa memória posso repetir-lhe textualmente as últimas frases da carta: «Compreendes, meu querido Oldemiro, qual é o plano desse monstro... Se insistir, com a ameaça de sempre, em que eu consinta em ser sua mulher, pode depois escapar-se-lhe a presa porque, estando casado comigo, consegui o máximo proveito da sua infâmia: o de satisfazer o seu ascoroso capricho de homem e o de ficar senhor de toda a fortuna de minha mãe. Que lhe importa, depois, o perder o segredo do seu poderio, se ninguém lhe pode já tirar-me das suas garras ou esvaziar-lhe os cofres? Sinto-me tão escrava da fatalidade, como dele... Sinto-me tão perdida para a Ventura, que pergunto a mim mesmo se tenho o direito de te sacrificar consentindo no teu auxílio! Como ele te odeia, meu amor!»

Bojerson recitava com inflexões sinceramente teatrais toda a carta e Oldemiro escutava-o ofegante, remechendo-se na cadeira, curvando-se inconscientemente para o artista, como se temesse que as palavras se perdessem no espaço. Um borrão vermelho lhe queimava as faces, quando o outro terminou. Durante o silêncio que se seguiu, Bojerson analisou minuciosamente a passagem pelo rosto dos sentimentos que se iam desbolando na alma do médico... Primeiro fôra o do ódio, o do rancor contra o *Marquês*, o tirano da mulher amada, o rival pela violência e pela *chantage*... Depois foi o da ternura evocando Celeste; o da tristeza, pensando que talvez fôsse verdadeiro o pessimismo dela; e por último, numa inesperada clareira de raciocínio, foi o da curiosidade. Este último sentimento assaltava o espírito e os nervos do jovem enamorado, com tal ímpeto, que o libertou de todos os rodeios e cerimónias:

— Mas agora reparo... A carta vem fechada e o senhor tem-na, quasi toda, na memória... Foi Celeste quem lhe leu o seu conteúdo?



— Não percamos tempo...

— Perdão! Como deve calcular eu...

— O que eu calculo, *sinhorre doutorre* é que o perigo de que a menina Celeste nos fale não é fantasia... Ora sendo autêntico precisamos agir com rapidez; evitar o irremediável; arrancar das mãos desse *marriola* a arma com que ele esgrime e evitar que com ela obrigue a menina Celeste a desprezá-lo a si e, bem angustiada, a aceitá-lo a ele como marido... Escusa de saber porque razão me interesse pela sua felicidade e pela felicidade daquelas duas pobres senhoras. O que lhe garanto sob minha *palavra de honra* é que sou homem para as salvar! Como? É comigo... *Querre* ajudar-me nesta obra?

Oldemiro, sugestionado pelo entusiasmo sadio, optimista e contagioso do *dinamarquês*, esquecera-se da sua legítima e melindrosa curiosidade sobre a forma como Bojerson se infiltrara nos segredos mais íntimos do seu amor e sentia-se animado por uma nova e vigorosa fé:

— Sim, Bojerson... Eu estava sofrendo horrores, convencido da minha inferioridade ante a fôrça, a astúcia e o ilimite de recursos do inimigo. Com a sua colaboração, creio que havemos de vencer...

— É necessário obedecerem-me, como é urgente fornecerem-me o material de guerra indispensável para a batalha.

— ?

— Preciso saber qual é a arma que o *Marquês* possui e que lhe proporciona todo o domínio sobre D. Leonor e D. Celeste! E é o *sinhorre doutorre* quem mo vai dizer...

Antes de Bojerson terminar, já Oldemiro se erguera, num ímpeto que tanto podia ser de cólera como de dor... Os lábios moveram-se; os braços agitaram-se; os olhos esgazearam-se, como se fôsse a proferir uma frase tremenda. Contudo não articulou nem uma só palavra.

— Não ouviu? perguntou o ilusionista. Ne-

cessito de saber qual é o *penhor* de que a menina se refere, porque sem isso nada farei...

— Não sei... não sei... — balbuciu o médico, com tal esforço que as veias se lhe dilataram.

— Mente! gritou Bojerson, numa brusca metamorfose. Mente! Mente! E o *sinhorre doutorre* não tem o *dirrito* de duvidar de mim!

— Eu não duvido de si, Bojerson! — garantiu o médico, apoucado sob o tom com que o outro o acusava. Juro-lhe que creio que só o senhor poderá salvar-nos a todos, até a mim...

— Mas o *sinhorre* sabe e diz que não sabe o que eu não devo ignorar para agir em vosso favor!

— Sei!

— E se sabe, porque se nega a revelá-lo?

Oldemiro não respondeu imediatamente. Passeou uns minutos pelo gabinete, num vai-vem pensativo e atormentado. No fim, estacando frente ao artista, confessou:

— Não posso adivinhar de que sensibilidade é tecida a sua consciência, e, provavelmente o senhor Bojerson vai formar uma péssima ideia a meu respeito quando eu lhe disser a razão porque, ambicionando sobre todas as coisas salvar Celeste porque a sua salvação corresponde à minha ventura; conhecendo a chave do mistério e sendo esta chave indispensável para a derrota daquele monstro, eu sou obrigado a desobedecer-lhe...

— Realmente, *sinhorre doutorre*, por mais que pense não atino...

— É que esse segredo foi-me confiado por Celeste sob um juramento sagrado de silêncio! Jurei-lhe por minha mãe que fôsse em circunstância fôsse, eu não o revelaria a mais ninguém, mesmo que me inquisitoriassem entre mil suplicios...

E após uma pausa e fitando confusamente Bojerson, inquiriu:

— Ficou fazendo uma péssima idéia a meu respeito e a respeito do meu amor por Celeste, não é verdade?

O ilusionista sorrindo-se, levantou-se e enlaçou-o com os seus braços, gémeos aos tentáculos dum polvo.

— Engana-se... Compreendo e admiro o seu sacrifício, porque é um sacrifício o seu silêncio, *sinhorre doutorre*... Eu ainda tenho mãe em Copenhague e Deus me livre de falar a um juramento que tivesse feito por ela...

E numa rápida mudança, confidenciou: — A verdade é que fui demasiado exigente, porque afinal estou em posse de quasi todo esse segredo...

Pasmou Oldemiro, e num tom em que demonstrava nitidamente não acreditar, disse:

— O senhor? É impossível! Por muito talento que tenha como ilusionista, não chegou ainda a bruxo, creio...

— Cheguei a bruxo, garanto-lhe, afirmou o outro, já de novo senhor do seu optimismo risonho e bonacheirão. E vou prová-lo...

Sentaram-se de novo, e Bojerson, ante o nervosismo crescente de Oldemiro descreveu-lhe, nas linhas gerais, o que era o segredo que tanto poderio dava ao Marquês de Mantelo:

— A arma de que a menina Celeste fala não é, como se podia supôr, à primeira vista, uma pistola de vinte canos ou um engenho de dinamite, mas sim uma arma humana, ou melhor: um homem... Acertei?

— Mas quem foi que...

— Dir-lhe-hei mais. Dir-lhe-hei o nome desse homem...

— Não creio que...

— Chama-se Frederico de Alcântara!

Bojerson, mal terminara de pronunciar o apelido, teve a impressão de que o médico asfixiava! Soerguera-se da cadeira, e o reflexo da surpresa dera-lhe a expressão aflitiva dum estrangulado.

— Mas há quanto tempo investiga o senhor este mistério? Quantos anos gastou para conseguir apoderar-se deste segredo, que mais ninguém neste mundo conhece além do Marquês, da Celeste, da mãe, e de mim? Diga: há quanto anos?

— Há quantas horas, quer dizer... Quando entrei esta noite no palácio ignorava tudo, até a existência de D. Leonor e da filha... Mas, já agora, deixe-me concluir, porque, aliás, pouco mais posso acrescentar. Sei também que esse Frederico de Alcântara é como que prisioneiro do Marquês e que é o pai da menina Celeste!

— É!

— Não basta porém, o que eu sei, para vencer! Preciso saber tudo, saber o que o senhor sabe! Preciso saber a mecânica da *chantage* do Marquês, e porque se apoderou do pai da Celeste, ou este se deixou apoderar e porque motivo a filha não emprega os meios legais para salvar o pai... e salvar-se a ela própria... Ora estando eu em posse de todos os detalhes, não deve ferir a sua consciência completá-los porque isso não significa faltar ao seu juramento.

— Está bem, Bojerson... Nestas condições não só não me repugna fazê-lo, como o farei com a alegria de salvar a mulher que amo. Mas antes, porém, diga-me: como teve conhecimento do conteúdo da carta de Celeste para mim? Como veio parar às suas mãos? Como esmiuçou o resto?

Bojerson não se fez rogado, contando ime-

diatamente que vira elle entregar a carta a Celeste, que notara as suspeitas do Marquês e as razões porque usara do seu trabalho e das suas habilidades de ilusionista para furar a carta à filha de Leonor e evitar que o tirano lha descobrisse.

— Calcule você a minha admiração, quando, em vez de uma tive de roubar três cartas! Logo que me apanhei sósinho e em cumprimento da missão que a mim próprio me impusera, cometi, *pour le bon motif* o crime de as violar. Uma, a azul, era a sua. Desculpe-me, mas não me interessava. As banalidades do costume! O *molto amore* de tôdas as cartas de namorados. Comtudo continha uma frase que me poz de sobreaviso: «Se eu pudesse descobrir o local onde elle está occulto!...» Bem. Fixei este detalhe e abri a segunda, a amarela, a que a menina Celeste tinha preparada para lha entregar. Dessa já falámos. Tornei a fechá-la sem deixar vestígios de violação, para algo sou artista e é *molto* mais difficil tirar vinte coelhos dum chapéu alto do que descolar e colar a obreira dum envelope, sem que ninguém o note! A terceira, metida num envelope branco, era a que devia dar luz de sol para tôdas aquelas trevas... Tenho-a aqui. Vou lê-la: «Minha querida Celeste: Na forma do costume fui aproveitar a única liberdade que o nosso tirano me consente que é, uma vez por mês, comunicar a ti e à tua mãe a notícia que *vivo ainda*, enterrado, sepultado vivo! Nada mais me é permitido dizer-vos, além de que não creio tornar a vê-las e a beijá-las e que morrerei roído de saudades vossas. Vosso pai muito amigo e muito infeliz, Frederico de Alcântara.»

«Compreende o *sinhorre doutorre* como é que eu sou bruxo, como *adivinhei* o que a

sua noiva lhe escreveu e como, através dos corpos opacos, soube da existência de Frederico de Alcântara, pai da menina Celeste. É agora a sua vez, *sinhorre doutorre*...

CAPÍTULO XI

ONDE APARECE, PELA PRIMEIRA VEZ, A ESTATUA OCA

— Seja!... Começou o dr. Oldemiro. Vou revelar-lhe o outro capítulo do mesmo mistério. Conta-se em poucas palavras...

«Frederico de Alcântara é um nome que teve aureola, entre a juventude boémia e elegante de Lisboa e que se popularizou, há coisa de uns dez anos por bem tristes motivos. Se o senhor Bojerson fôsse português ou visse sempre em Portugal, ter-se ia recordado logo do romance a que esse nome está ligado, quando o leu assinando a carta que dirigiu à filha.

«Antes, porém, de o elucidar sobre o género do romance que se trata, que foi faladíssimo na Imprensa e discutido em todo o país, quero imitá-lo, fazendo psamar ante uma revelação inesperada: Frederico de Alcântara, pai de Celeste é, nada mais nada menos do que irmão do Marquês de Mantelo! Sim, senhor. Filho natural e não reconhecido do mesmo pai, mas irmão; tão irmão como Celeste é sobrinha sua. Orgulhoso e com uma respeitável falta de escrúpulos, as suas relações com Frederico de Alcântara foram sempre mui fracas. Entretanto Frederico que era uma jóia de rapaz, segundo afirmam os seus companheiros de mocidade, apaixonava-se pela filha de um ricoço, avarento pelo estilo de certo herói de Moliere. Esse ricoço chamava-se Heitor Linhares e, segundo dizia, era descendente do artista a quem se deve a estátua do rei D. José, no Terreiro do Paço. A namorada de Frederico chamava-se Leonor, e os retratos da época fizeram com que eu pensasse que aquela D. Leonor que nós vimos esta noite fôsse uma caricatura cruel da outra. Não acreditando na sinceridade de Frederico e julgando que aquele namoro era uma cilada ao dote, Heitor Linhares negou-se terminantemente a ceder-lhe a filha... Mas quem sobretudo levou o avaro a proceder assim, foi um tal conselheiro Mendonça, minhoto que embarcara de trouxa ao ombro para os Brazis e que de lá viera aos cincoenta anos, milionário e disposto a premiar-se de tanto trabalho, com a posse de uma moça que fôsse bela. Casamento impossível. Amor a péso de ouro! Puro estilo camiliano! E como succedeu nos romances de Camilo ou, pelo menos, como succedeu ao próprio Camilo, a mártir disse adeus ao pai e ao conselheiro e fugiu para os braços do homem que amava. Só uma diferença havia entre D. Leonor e D. Ana Plácido. É que D. Leonor não esperou ser obrigada a casar. Escapuliu-se na vespera do dia em que o prior da Conceição Velha devia abençoar o seu matrimónio.

«Foram felizes durante muitos anos — e dessa época de ventura floriu Celeste. Havia, porém, uma pessoa a quem a felicidade dos dois amantes agoniava como um vomitório: o conselheiro Pancrácio, ou seja o brasileiro a quem Heitor Linhares queria vender a filha para hipertrofiar mais ainda os seus sacos de libras. E como o conselheiro era rico, e como a vingança era o maior prazer que a sua sensualidade podia gozar — ei-lo



a gastar à toa, a comprar por qualquer preço a desventura e o desassossego daquele casal feliz. Não havia picardia nem infâmia que não cometesse. Fê-lo despedir de todos os empregos. Retirou-lhe tôdas as possibilidades de ganhar o pão da companhia e da filha — até o atirar para a miséria; e como isso fôsse pouco, assalariou um bando de miseráveis para propagar e engendar calúnias que dessem ao mundo e, se possível fôsse, ao próprio Frederico também, a impressão de que Leonor era indigna do amor com que o amante a acarinhava! Não conseguiram, os malandrins (entre os quais, dizem, estava o irmão, o marquês de Mantelo), enganar Frederico e convencê-lo das absurdidades que espalhavam; o que conseguiram, sim, foi que Frederico, ao ter conhecimento da ignominiosa conjura que, depois de lhe roubar o pão de cada dia, gestionava essas calúnias e a respectiva propaganda, e ao saber quem chefiava a seita dos fulanitos urdidores de tantas aleivosias, e os animava e os alimentava — perdesse a serenidade e se incendiasse duma cólera cega e fatal. Procurou o brasileiro, numa correria ofegante, tôda uma tarde, por essa Lisboa fora — até que o enfrentou à porta da Havana. Não teve, o coarde, nem tempo de pedir perdão do seu crime: duas balas, como duas asas, levaram-no, num rápido vôo, para as regiões do etéreo, de onde nunca mais se volta.

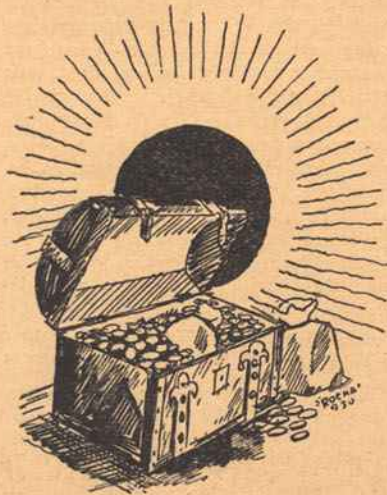
«O crime fêz escândalo; os jornais encheram colunas de prosa; e como se o brasileiro ainda estivesse vivo e pudesse pagar aos caluniadores — não houve infâmia que não se boqueiasse como explicação do acto alucinado de Frederico.

«Este fugira, com o pressentimento que os juizes não encontrariam lógica no seu crime; e, como as fatalidades, como os males vêm em série — foi pedir refúgio a casa do filho legítimo de seu pai... Estranhou Frederico a facilidade com que o irmão lhe abriu as portas e o protegeu nessas horas de amargura. Estranhou sobretudo que fôsse buscar D. Leonor e a filha, que as instalasse em sua casa e que gastasse um dinheirão para lhe preparar (afirmava êle), um refúgio seguro e duradouro.

«O segredo desses generosos alardes de amor fraternal estava em que Heitor Linhares, pai de Leonor, morrera, havia dois dias, numa quintarola que possuía no Ribatejo — notícia essa que a filha do avarento e Frederico ignoravam. Sendo Leonor herdeira única da imensa fortuna — a êsse tesouro apontava o marquês a sua insaciável cubiça, ao acolher o irmão fugido e a família. Uma madrugada Frederico despediu-se de Leonor e de Celeste — que tinha então oito anos apenas — para ir, ciceronado pelo irmão, para o esconderijo que êste lhe preparara. Onde era? Como era? Não o disse então — esquivando-se mansamente a explicações com a palavra *prudência*. Não o disse então — nem o disse nunca mais. O desgraçado Frederico ficou, a partir dessa hora, prisioneiro do marquês. Não tornou a ver a mulher nem a filha. Estas sabem como êle vive — porque o irmão, por cálculo, para melhor floretear a sua *chantage* consente que êle lhes escreva todos os meses uma carta, de que o próprio marquês é portador — mas onde não pode indicar o menor indício sobre o local onde se encontra. É muito provável que êle mesmo ignore onde está enterrado vivo.

Escusado será dizer-lhes que o marquês tomou conta da administração da fortuna de D. Leonor — sem admitir a hipótese que fôsse outro o encarregado dessa missão; e que, mantendo-as pouco melhor do que a duas criadas — não lhes deu nunca o direito de lhe pedirem contas do que é delas... Em compensação êle vive numa orgia quasi ininterrupta, cercado de mariolões da pior espécie, de ciganos e fadistas e gente suspeita, de tôdas as formas sociais. Aliás — foram sempre estas companhias as da sua predilecção.

«Mas a grande *chantage* começou há poucos anos. Um dia D. Leonor foi procurada por um sacerdote que assistiu aos últimos momentos do pai. Heitor Linhares, sentindo a morte, quis, pelo sim e pelo não aliviar um pouco no débito a conta-corrente das faltas cometidas cá na terra. Encarregara êste personagem molieresco ao ouvinte das suas últimas vontades de procurar a filha e negociar com ela, negociar é o termo, o perdão das lágrimas e das desditas e desventuras de que fôra causador em troca do mais pe-



sado baú que atafalhara de dobrões de ouro e que, sendo o lote mais valioso da sua fortuna não aparecera nos inventários porque, blindando-o de tôdas as cubiças alheias, o guardara em infranqueável esconderijo... Se Leonor se resolvesse a retirar do Supremo Tribunal, por intermédio das suas orações, as denúncias da tirania paterna apresentadas a Deus, o avarento Heitor revelaria o «Abre-te, Sesamo!» do seu maior tesouro.

«Pasmé, Bojerson ante êste espécime psicológico porque razão tem para isso! De que material seria feita a alma dêsse homem para supôr que o perdão da filha às suas maldades, indiscutivelmente conscientes, e (digo conscientes porque o confessado terror do castigo assim o prova) só seria obtido depois de a fazer aguar com as promessas de tesouro de rajá; e sobretudo para prezar a Deus com pachorra de esperar que a filha mercadejasse o seu perdão, para depois refrescar ou incendiar a cela do purgatório onde êle devia fazer o balancete purificador...

«Respondeu D. Leonor o que era um pleonasmo inquirir: «— Meu pai — disse — mal pensou sempre de mim e até ao supremo alento me ofendeu crendo-me tão pouco cristã e tão má filha que não soubesse perdoar-lhe, minutos antes de o saber a contas com Deus, quando perdoado estava mesmo no próprio instante em que dêle sofria as

mais cruéis tiranias. E se lhe perdoei quando o via espumando cólera e abafava a custo os gritos de dôr das chagas que me abria no coração, desde que o soube liberto da matéria que o escravizava e que mal o aconselhava em tôdas as minhas preces não era o meu perdão que eu erguia ao Senhor mas sim a súplica à Sua Divina Misericórdia para que lhe perdoasse também.»

«Comoveu-se o sacerdote ante tão serena piedade e não teve relutância em liquidar aquele negócio de que era procurador pela estranha vontade de um moribundo, segredando ao ouvido de D. Leonor o segredo do esconderijo, o «Abre-te, Sesamo» das mil e uma noites tenebrosas da avarizia de Heitor Linhares. A discreção e a prudência do padre foi um bem e um mal para as duas senhoras. É que o Marquês, farejando um mistério de interesse para as suas ambições naquela visita à cunhada, acolhera com velhaca cortezia o sacerdote e deixara-os com diálogo de confessorário, depois de ter escolhido um local onde a conversa pudesse ser escutada sem que suspeitassem da sua visinhança. Nem uma só palavra lhe escapara a essa voraz curiosidade, através a porta entre aberta sobre os dois cadeirais onde o padre e D. Leonor se sentavam. Mas precisamente quando a revelação ia saciar a cubiça do Marquês, indicando-lhe o caminho que conduzia aos dobrões de ouro de Heitor Linhares, o procurador do agonizante, como que avisado por milagrosa denúncia, afrouxou por tal forma o tom de voz que apenas um sussurro se filtrou através a porta entre aberta.

«Uma vez a sós com D. Leonor, tentou, com mansas e aduladoras palavras arrancar-lhe o segredo. Mas a memória de todo o seu calvário dera-lhe rija experiência, a suficiente pelo menos para garantir-lhe que a menor transigência equivalia à pobreza total da filha, pois só para Celeste ela defendera aquelas inesperadas riquezas, tanto mais que o resto da fortuna perdida estava já nas festanças e gozos esbanjadores do tio administrador. Ante a inutilidade das hipócritas mansidões, destrambelhou pela violência rugindo ameaças, bradando insultos, desmascarando a sagacidade que lhe refervia na alma em tôda a sua hediondez. Celeste, atraída pelo berreiro correu a abraçar a mãe; e fôsse porque a presença da filha desse maior relêvo a visão da possível miséria futura ou fôsse porque estivesse fatigada de tanta resignação e humildade ante o furioso despotismo do cunhado, a verdade é que a pobre D. Leonor resistiu, hirta e intransigente, a tôdas as ameaças e todos os insultos.

«A partir dêsse dia a *chantage* do Marquês tomou novos aspectos. Já não era só o perigo de denunciar o criminoso escondido que êle agitava às inquisitorias senhoras, insinuava, também, numa confusa inflexão, que tanto podia ser de chacota como de cinismo ameaçador, o projecto de assassinar o irmão sem que houvesse depois quem pudesse acusá-lo de tal crime. Em conta partida, D. Leonor possuía agora também uma arma com que floretear com o monstro; e dessa esgrima tinha vindo um ligeiro desafogamento para a sua situação de escrava — porque escrava continuou a ser, assim como Celeste, nas mãos poderosas e sem escrúpulos do monstro.

(Continúa).

A DUQUESA DE ALBA

(Num dos seus artigos publicados nesta revista, *Novais Teixeira*, o nosso querido e prezado camarada, prosador inquieto e nervoso, aludia, de passagem, aos amores de Goya com a duquesa de Alba. Hoje, damos mais vulto a essa deliciosa lenda ou verdadeira história, que com tanta frequência salta da voz maliciosa do povo para as garras da erudição mexeriqueira. Do que foram esses amores e do que sobre eles se diz, val-nos falar aqui a voz autorizada de Juan de la Encina, o ilustre crítico de arte espanhol e o primeiro que em Espanha focou as coisas da arte com uma visão estética própria, numa maravilhosa página de antologia — prosa de clássica estirpe, graça no narrar, força no dizer, expressão no sentir — que é uma das mais belas prendas que as modernas letras castelhanas ofereceram ao gosto de quem as possa saborear.)

deve levar consigo, em todos os sentidos, os estimulantes da voluptuosidade.»

E lançava, vendo-o bailar, alegres gritos faunescos... Caiu em Madrid, dois ou três lustros mais tarde — 1874 — o francês Jean Marie-Jérôme Fleuriot, e no seu livro *Voyage de Figaro en Espagne*, escreve, excitado, como o cavalheiro Casanova, pela gentil e endemoinhada dança: «Não: o anacoreta que só come couves, que reza continuamente, não pode vêr bailar o fandango sem suspirar, sem entusiasmar-se e sem mandar ao diabo os seus votos, cilício e sandálias.»

Os retratos e desenhos que Goya fez da Alba dizem que a duquesa Cayetana foi decerto — porque não? — grande dançarina de fandangos: a viminea arquitectura do seu corpo nervoso já nasceu impregnada de espírito; marca de antemão seus passos e quebras, figuras e ritmos. Ela é de per si — conforme Goya a viu — Nossa Senhora do Fandango. O citado autor do *Voyage de Figaro en Espagne*, que também a viu, pinta-a assim:

«Na duquesa de Alba não há um só cabelo que não inspire desejos. Nada no mundo há tão formoso como ela; seria impossível fazê-la melhor (Goya era decerto da mesma opinião) ainda que a mandassem fazer de encomenda. Quando ela passa toda a gente assoma às janelas e até as crianças param de brincar.»

Dama de tão altas e garbosas prendas como não havia de ser a marechala de campo do *majismo*? Enquanto o seu bom esposo, o marquês de Villa-franca — homem, ao que parece, enfermiço, pacato, de delicados gostos — cultiva a música de Haydn, a duquesa Cayetana exercita-se na *tonadilla* e no *sainete*; aos domingos, dança, em Piedrahita, com os vassallos; cultiva

como de Leonardo fôra o da Gioconda? Goya retratou tantas nobres e ilustres damas do seu tempo... e, no entanto, da sua galeria, excepto a Rainha Maria Luísa, a quem imputaram o papel de Messalina, só a duquesa parece resistir aos embates esquecediços do tempo. A duquesa teve chama. Não há dúvida. A chama atraía o grande pintor. O grande pintor fez que a chama chegasse até nós como uma grande interrogação na treva histórica. As obras de Goya criaram a lenda de Goya. A duquesa Cayetana deu pábulo à sentimentalidade do grande pintor, foi exemplar vivo e temporal da *certa ideia* do eterno feminino que este trouxe ao mundo; e Goya, por seu lado, se não a criou, deu ao menos forma plástica perdurável à lenda, à *ideia*, da duquesa de Alba. Goya, em verdade, é, pois, quem nos transmite a sua recordação feiticeira e rediviva, como Vinci nos deixou a da Gioconda, Rafael, a da Fornarina, Rembrandt, a da alegre e doce — e tão germânica! — Saskia.

Parte do mundo de Goya, o não tenebroso — temas, personagens, estilo, visão — parece concentrar-se e resumir-se nesta grande senhora, *maja* de rumbo. Como não enamorar-se dela o seu retratista e cortejador D. Franchó el Sorudo (?), se era toda a sua arte, vivente, transubstanciada em carne de mulher!

Deixemos de lado a parte de menestrel que Goya levava arreigada à sua psicologia — revelam-na bem as cartas a Martín Zapater — e atendamos ao puro artista: vê-se, então, como o seu espírito coincide com o da duquesa.

A Alba representou certamente um tipo de beleza feminina muito espanhol, e a chamada no seu tempo, *maja* de rumbo, talvez que em nenhuma outra mulher adquirisse tão puro e nítido



D. Francisco de Goya y Lucientes (Auto-retrato)

As jornadas Goyescas ganham em certa altura novo fôgo com a presença duma mulher: A Duquesa de Alba. A sua fragrância captoza de nardo e menta embriaga o homem e derrama-se subtil pela obra do Artista. Na estética Goyesca funde-se a Alba na espaciosidade luminosa do Manzanares. Recortemos, pois, a ponta de tesoura — moda do rococó — a sua silhueta.

Maria del Pilar Teresa Cayetana de Silva y Alvarez de Toledo, duquesa de Alba, é, entre a abigarrada multidão de personagens e pessoas de menos monta — trágicas, tragi-cómicas, cómicomicas ou grotescas — que retratou Goya, uma das que, com maior e mais gracioso acento, ficam na história social espanhola do seu tempo: — 1762 a 1802. O seu prestígio — espécie de avatar arrebatado e voluptuoso de Ariel — chega até nós sem quebra e transido de cores picantes e primorosas de lenda. Logo após o seu grande antecessor, o remoto gran-duque, a casa de Alba não teve outra personagem que melhor ferisse a imaginação espanhola. Foi a capitã-mor do *majismo*, assim como Goya e D. Ramon de la Cruz os seus grandes pintores; e, ainda hoje, quando tal estilo de vida e arte quer dar algum respingo tardio, a duquesa Cayetana salta — garbosa, donosa, pomposa, fagueira — ao tablado da vida e da arte.

Nasce em Madrid: coração dos *barrios bajos*, campos das redadas de D. Ramon de la Cruz, em 1762. Cristianizaram-na na paróquia de San Justo e Pastor. Entre os trinta e um nomes que lhe puseram na pia baptismal sciutila como sinal de predestinação o de Cayetana. Na imposição do óleo e da crisma já lhe irrompia o *majismo*. *Tonadillas* e *seguidillas*, *tiranas* e *boleiros*, *fandangos*. O fandango!...

Chegou a Madrid o exemplar descarado do veneziano Jacob Casanova de Seingalt. Nos Caños del Peral, num baile de máscaras, dos Aranda, viu dançar pela primeira vez o fandango... em espanhol: pareceu-lhe cifra e compêndio de toda a voluptuosidade. E o homem não era pacato. «Cada par — escreve — de homem e mulher, não dava mais de três passos, repicando as castanholas, ao compasso da orquestra, e as suas atitudes e gestos eram duma lascívia sem exemplo. Achava-se ali toda a expressão do amor, desde o seu nascimento ao fim, desde o suspiro do desejo ao extase do prazer.

«E parecia-me impossível que a dançante pudesse negar nada ao bailarino depois de ter bailado semelhante dança, porque o fandango



GOYA — La Maja desnuda

a amizade de cómicos e toureiros; jura divinamente por Costillares (?); tem por mestra, amiga e protegida, Maria del Rosario Fernandez, *La Tirana* (?).

Encarnar, representar um estilo, vale tanto como conquistar o perdurável da História. A duquesa Cayetana — travessa como a rainha Mab — aí está, colocada na história social e artística da Espanha, com o ar gracil, fagueiro e estimulante de que a ungiu Goya nos seus retratos. Foi obra do seu cortejador e enamorado D. Francisco tal prendimento histórico,

(?) *Costillares* — célebre toureiro da época. — N. T.
(?) *La Tirana* — actriz, sevillhana, que gozou de grande popularidade no seu tempo, distinguindo-se especialmente nos papeis trágicos. — N. T.

estilo. Naquela declinação da aristocracia espanhola para os gostos e maneiras do povo — D. Ramon de la Cruz exprime-a nos seus *sainetes* com bastante rigor — foi ela decerto quem fundiu com suprema elegância o porte aristocrático com as graciosas liberdades populares. (Veja-se, senão, o retrato, vestido de *maja*, que Goya lhe fez em 1797). É este um exemplar de beleza, como o pode ser no seu género, para citar um exemplo quasi popular, a *Vénus de Milo*. A Alba realizou, pois, em corpo e alma um tipo de beleza briosa muito afecto — quando não consubstancial com ela — à sensibilidade geral e estética espanhola.

(?) Alusão à surdeira de Goya. — N. T.



GOYA — A duquesa de Alba

*Una maja con trueno y rascamoño
alta la ropa, erguida la caramba.*

Goya viu-a assim... e naquela altura interveio o amor.

A duquesa de Alba incorporou-se, pois, por mão de Goya e da tradição popular, ao centão dos mitos nacionais e das mulheres célebres da História da Arte. A arte espanhola tem poucas mulheres que fulgurem ao longo da história como arquétipos de beleza.

Talvez seja uma delas a famosa filha do Espanhóleto. Quem foi o modelo dessa enigmática *Vénus do espelho*, que Velasquez pintou e a duquesa teve em sua casa? Haverá — quem sabe! — nesta tela escondida uma história secreta de erotismo ou amor? A forma fina do nú — pleno, firme, elegante, conciso — ondula com recatada voluptuosidade. — Aquelas ancas, as costas fluentes, a perna!... — Bem pode haver, com efeito, na *Vénus do espelho* uma história íntima, como talvez na *Maja nua*: uma história mais recôndita, à margem da bisbilhotece popular, como de provador mais cauteloso, profundo e afastado que Goya. Murillo deu também o seu tipo de mulher — pleno e adocicado, de clássicas cadências carnavais —; mas é precisamente isso: um tipo, sem nome histórico ao pé. Pela obra adusta de Zurbaran passam, como embuçadas, as suas mulheres; às vezes, anjinhos graciosos e louros, de estirpe italiana, que levam na sua pureza, embebida em luz, alguma delícia terreal; e, sobretudo, alguma mulher simbólica ou santa, que tem indubitavelmente um nome próprio, concreto e sevillano talvez, prelu-diando com êle — oh, a Santa Marina!, de Sevilha — os descêns cálidos das mulheres de Goya.

A Dama do Arminho do Greco é outra sombra poética... Mas, entre todas elas, só a Cayetana encarna firmemente a sua lenda.

É, por obra e graça de Goya, uma mulher que perpétua todo um estilo nacional.

crístã pelo espírito,
pagã pela carne, ou
cervatinha que ronda
de noite a vinha flo-
rescida de Sulamite.

*Mil gracias derra-
[mando
pasó por estos sotos
[con presura,
Y yendolos mirando,
con solo su figura
vestidos los dejó de su
[hermosura,*

podia dela dizer, em-
bora com certa irreve-
rência, a gente de Pie-
drahita, onde tinha o
seu palácio de verão,
construído ricamente
pelo seu orgulhoso avô
paterno, o duque
D. Fernando, general
e diplomata, que
Mengs retratou com
sorriso volteriano e
gesto imperioso, à
moda do Gran Frede-
rico. Era Cayetana a
joia de Piedrahita.
Como uma linda e
briosa castelhana de
Lope, rodeia-se dos
seus vassallos e pegu-
reiros. Reparte entre
êles, com mão pródiga,
palavras afectuosas e
dons menos etéreos.
Não olhava a dar. Uma
habitante de Piedrahita
transmitiu a Somoza
um primoroso relato
da galhardia e gene-
rosidade de Maria Te-

reza Cayetana, que ouvira dos lábios duma antiga amiga sua: «Não conheceu o velho duque? — perguntava-lhe. — Que génio maldito dizem que tinha!... A neta, a duquesa, era outra coisa. Essa, sim, que podia chamar-se uma senhora. Criou-se aqui de menina, mas que coração!... Quanto bem fez a esta terra!... Se bem que, nos seus estados, era a mesma coisa. Mil vezes ouvi dizer ao Luna, seu administrador: «quando algum lavrador lhe dirige um memorial a pedir-lhe uma rês, é preciso que a gente informe que não está muito necessitado; porque, senão, dá-lhe uma junta inteira.» E que bela moça a conheci eu! Que viveza! Que alegria! Sobretudo, que formoso cabelo! Um ano depois de me ter casado, fui um dia visitá-la e encontrei-a a vestir-se...; não exagero, não; chegava-lhe aos pés... E como era tão afável e estava sempre de tão bom humor, lembro-me que me disse: «Querida amiguinha, se se envergonha de me vêr nua, tapo-me com o cabelo.»

Admirável, Somoza. Dêste episódio da duquesa Cayetana, mostrando-se assim nua, sem mais adereço nem vestido que a preta capa pluvial da sua cabeleira, fazem os srs. Allendesalazar e Sanchez Canton — Retratos del Museo del Prado, Madrid, 1919 — uma espécie de apoio psicológico para robustecer a suspeita de que a *Maja nua* seja a duquesa de Alba na sua ardente e luarenta carne mortal.

Mas conta Somoza outra anedota do mais suculento sabor, que abre mais claras e profundas perspectivas do espírito da duquesa. Embora muito conhecida, transcreve-la-hel na íntegra, pela elegante simplicidade castelhana com que está contada: «A primeira vez — escreve — que, depois de casada, veio a Piedrahita (teria treze ou calorze anos), distinguia entre as pessoas que a visitavam um tal Fr. Basílio, velho, coxo, gago, malcriado e tão igno-



GOYA — A rainha Maria Luísa

rante que não conseguira fazer a menor carreira na comunidade, em virtude do qual lhe deram o cargo de procurador no convento de freiras desta povoação. O bom do religioso era de condição tal, que a mais refinada malícia e calúnia, que já então se aproveitava das imprudências daquela rapariga, não puderam atribuir a sua familiaridade com a duquesa senão ao estranho capricho que esta tinha de rir-se com as suas ingenuidades, e todos o olhavam como o Sancho desta nova duquesa, de cujas saídas era inseparável. Para que a acompanhasse nos seus passeios a cavalo, oferecera-lhe ela uma mula muito mansa e andareja. Numa dessas cavalgadas, viu a duquesa que Fr. Basílio tinha ficado para trás, perdendo-o de vista. Parou e mandou alguns criados que corressesem a saber o que lhe tinha sucedido, e, pouco depois, vendo que não aparecia, foi ela mesmo à sua procura, seguida do resto da comitiva. Era o caso que Fr. Basílio vira perto do caminho um bezerro metido numa sanja, a quem a mãe bramando dum lado para outro não podia socorrer. O caritativo frade vendo que aos seus gritos não acudiam os laçaios a salvar o animal que percia, apenou-se e, em braços, conseguiu tirar o bezerro dali com muito trabalho, pois usava muleta por causa da manqueira. O peor foi que, ao subir para a borda da cova, a vaca, vendo-o com a cria nos braços, correu a tirá-lo, e a marradas deu com o frade de cabeça no fundo da sanja. Nesta altura acudiram os criados, e ainda celebravam a scena com gargalhadas malévolas, vendo como o frade esperneava no meio do lodo, quando chegou a duquesa. Um grito desta fez cessar a algazarra daquela gente soez, entrando todos a pescar o caritativo frade, que, uma vez fora, contou o caso, rematando:

—Caramba, senhora duquesa, o que custa fazer um benefício!...

A duquesa estava frenética contra todos, e, a um belo espírito que em má hora se lembrou de glosar o lance em ar de troça, fê-lo emudecer dizendo-lhe que o lodo do semblante daquele frade valia mais que os seus epigramas e que a sua pessoa, e, rompendo a chorar, abraçou o Fr. Basílio, dando-lhe milhares de beijos. Ao duque, que lhe rogava se serenasse, replicou ela:

—Cuidado, duque, e não se ponha da parte dos maus, que se vê capaz de me convencer que, de bons, aqui, só eu e o Fr. Basílio. Não nos entendem Fr. Basílio! Eu, sim; logo no primeiro dia em que o conheci, vi em si uma alma como esta que Deus me deu, e pela qual lhe rendo graças.

Teimou em voltar a casa com o frade por mais que o duque quisesse continuar o passeio e deixar o eclesiástico entregue ao cuidado dos criados.

—De tais criados—replicava a duquesa—nem o meu marido, nem o frade, nem eu nos devemos servir. Que canalha, que é capaz de nos persuadir de que somos melhores do que eles!.

O quadro é gracioso e significativo: quasi uma florsinha de S. Francisco. O padre Basílio, um irmão Junipero abulense. A duquesa a ponto de abraçar o leproso... De ter visto e vivido Goya esta scena, decerto que a teria captado—pois entrava nos lindes do seu génio—em tela ainda mais airosa e bem humorada que *La caída* e *El columpio* (pelos dois anda talvez a duquesa; pelo segundo, sem dúvida) da Alameda de Osuna.

Outra anedota, esta picaresca. Com ela, a silhueta que vou recortando, tomará algum ponto do garbo que a Cayetana derramava em vida. Conta-a D. Joaquim Ezquerria del Bayo, na sua documentadíssima obra *La Duquesa de Alba y Goya*—Madrid, 1928.—Tem o sabor dum argumento de Tirso ou, melhor, dum episódio de *El Lazarillo de Tormes*. Saiu uma tarde a duquesa Cayetana em traje ligeiro a espairecer pelos arredores de Madrid em companhia dum dona de respeito ou dum criada sem êle. Encontram, de passo, um seminarista. Palminho de Cayetana à sombra da mantilla, olhar intercendente, bom jôgo de ancas... Sagrada Teologia, para que te quero? Aproximou-se o seminarista; a duquesa manifestou apetite. Sentaram-se numa tasca, ao ar livre, a merendar. A Alba pedia mais do que dava de si a bolsa do improvisado amante. Na palidez mortal da face do incipiente eclesiástico amortecia tirante o sorriso de coelho. —Tem que deixar aqui as calças!

—disse a Cayetana ao tasqueiro, que a conhecia, aproveitando uma distracção do desgraçado do galanteador. Chegou a hora da verdade: o taberneiro exigiu as calças ao seminarista. Este teve que lhas dar, e, tapando como pôde as pernas com as voltas do manteu, deitou a andar com a duquesa. Contou de caminho as suas desditas à Alba. Fazendo-se esta passar por criada da casa, prometeu-lhe, com o seu amor, arranjar um padrinho. Ficaram citados para o dia seguinte. O seminarista



GOYA — Retrato do marquês de Villafranca, esposo da duquesa de Alba

chegou à sua hora, conforme o combinado. Um criado fê-lo passar por diversos corredores de serviço... Quando esperava o desventurado arribar ao quarto da criada, desembocou no salão do palácio, onde aparecia a duquesa primorosamente vestida no meio de luzidia corte. Estupefacção, embaraço, gargalhadas! Desde aquele dia, o seminarista teve protector.

* * *

Significativas são também as suas relações com Maria Luísa de Parma. Desde os seus tempos de princesa de Asturias que Maria Luísa não a podia ver. A Cayetana pagava-lhe, senão na mesma moeda, com outra de mais alto preço: em moeda satírica. Rivalidade amorosa, inveja?... Parece que de tudo houve... Chantreaux, um agente revolucionário, que fêz de espia francês durante algum tempo em Madrid, publicou em Paris—ano terrível, 1793—em vingança da declaração de guerra de Carlos IV à República dos Direitos do Homem, um libelo—hoje raro—em que se contam as andanças amorosas da rainha. Há nas suas páginas algumas passagens de comédia licenciosa—*Cribillon fils?*—ou de novela cómica—*Scarron?*—entre Maria Luísa e Cayetana. O biógrafo da duquesa de Alba, sr. Ezquerria del Bayo concede, se não nos detalhes, pelo menos no fundo, algum crédito ao libelo, assim como o marquês de Villa-Urrutia. Conta Chantreaux:

Maria Luísa e Cayetana disputavam entre si um gnapo moço: o insolente guarda D. Juan Pignatelli, filho do Conde de Puentes, padrastrado de Cayetana. Rondava Pignatelli a duquesa. Esta resistia, embora o guarda chegasse fulminante ao seu coração. Mais uma vez os ciúmes renderam a virtude. Pignatelli, já em boas relações com Maria Luísa, então princesa de Asturias—devia formar o terceiro da série—serviu-se astuta e páfidamente do amor que lhe rendia a Princesa para possuir o da Alba. Donosa vingança de rival! As graciosas peripécias da comédia vão desfilar à nossa vista. Em prêmio de amor rendido, entrega Cayetana a Pignatelli um anel com um grande diamante, que levava na mão aquela hora, doce e saborosa, do pecado. Pignatelli, amante cavalheiro, deu, por seu lado, em testemunho de amor à duquesa, uma caixinha de ouro cravejada primorosamente de diamantes que lhe tinha oferecido—outra prenda de amor—Maria Luísa de Parma. Viu a princesa o anel na mão do seu amante. Pediu-lho. Dom Juan Pignatelli, ao que parece, jogava o anel com as lembranças das suas amantes. Presentiu a princesa a presença dum



GOYA — El columpio

rival. Era mister descobri-la. Num dia de beija-mão a grande astuta põe o anel. Era a pedra de toque. Chegou a vez à Alba de beijar a mão à princesa de Astúrias. Bravo carácter: não se imutou. Rutura com Pignatelli. Jura e perjura este. Vingança da duquesa. Aqui entra um cabeleireiro, francês, claro está. Estampa rococo. Oferece perversamente Cayetana ao bom do cabeleireiro, que o era também da princesa, a caixinha que esta tinha dado amorosamente a Pignatelli, com uma só condição, bem fácil de cumprir: que a usasse sempre que fosse pentear a sua clientela da alta. Assim descobriu Luisa a perfídia do amante. As duas eram ludibriadas por ele. Pignatelli ia ser vítima da sua rivalidade. Ao chegar a este ponto, diz Chantreaux que Maria Luisa persuadiu seu marido Carlos de que os hábitos licenciosos da Alba a tornavam indesejável como dama sua, em virtude do qual aquele conseguiu de seu pai Carlos III que a afastasse da corte. — Não parece certo, nem sequer verosímil. Cayetana ruminou em silêncio o agravo. Esperaria pela sua hora. E a hora não se fez tardar. Tinha o dom da vingança graciosa. Chegaram da corte de França umas correntes de aço para relógios, oferta aos membros da família real. Maria Luisa deu o elegante presente a Pignatelli, que o usava ao mesmo tempo que os príncipes e os infantes de Espanha. Mandou, pois, vir de França a duquesa uma grande porção de correntes, oferecendo-as, por sua conta, aos seus criados e aos dos príncipes. A vingança adquiria caracteres de excessiva temeridade. Maria Luisa ficou carcomida de raiva. Aquilo era insuportável. Recedia às medidas. Decidiu afastar de si o guapo e infiel moço. Fez com que o mandassem em comissão de serviço para a Embaixada de Paris. Vinte e quatro horas lhe deram para se pôr a andar. A duquesa já estava vingada!

A duquesa de Alba hostilizava assolapada, fria e continuamente Maria Luisa. Sempre assim, até à sua corte. Espalhafatosa — como um faisão em loja de comestíveis — era, nos seus modos de vestir, a desgraçada rainha. Nos momentos trágico-cômicos de Bayona, apresentou-se diante de Napoleão, tão barocamente arrebicada, que provocou o riso soldadesco do grande jogral de reinos, corôas e fronteiras. A Alba, quando Maria Luisa lançava algum modelo de toucado ou vestido, vestia logo as suas criadas do mesmo modo e mandava-as passear para o Prado em solenes covas. A lenda Goyesca — lenda ou história? — disse que ainda foi ela quem exerceu influência junto de Goya para que este pintasse a rainha com esse ar de pássaro presumido de museu de História Natural com que às vezes, e até sempre, aparece nos seus quadros. Goya estimava indubitavelmente os reis, seus protectores. Soube, sem agravo para ninguém, navegar hábilmente pe-

las águas turvas da hostilidade feminina. Vejam como era ductil o aragonês, a-pesar das suas gaffes...

Os primeiros documentos Goyescos relacionados com a Alba são talvez as duas telas da Alameda de Osuna — *La Caida* e *El Columpio*, por volta de 1787 — onde viu o sr. Ezquerria del Bayo retratos da duquesa. Naquele tempo ainda Goya não devia estar prendado dela. A-pesar de tudo estampa-a em *El Columpio* como invenção preciosa de Natura. Quem sabe se Goya não teria recebido já em segredo a primeira picada da mística flecha? Quando grava *Los Caprichos* — já totalmente isolado do mundo sonoro — revolve-se como javali ferido. A duquesa ocupa o seu pensamento e aguçá as graças do seu buril. As fêmeas donairosas que por ali circulam, quebradas da cinta e os pés diminutos, são da briosa casta corporal de Cayetana. Arquetipo de beleza foi esta para Goya.

Em duas lâminas faz-lhe uma alusão clara, porque grava nelas o seu retrato: lamina 61, *Volaverunt*, e 81, esta não incluída por Goya em *Los Caprichos*, *Sueño de la mentira y la inconstancia*, que publicou pela primeira vez Beruete. Nas duas revolve-se este ciumento ou despetado contra a sua duquesa: é superior às suas forças, fá-la alvo das suas cansticidades, mas desfalece de amor. Veja-se na forma como ele mesmo se representa no *Sueño de la mentira y la inconstancia*, estampa de ar tão enigmático: com expressão de acerba dor lança uma mão à duquesa, que aparece com duas caras e asas de mariposa na cabeça, para significar talvez a sua inconstância e levandade, e trata de sujeitá-la e atraí-la a si. Se não houvesse outros dados, a-pesar da escuridão que rodeia o significado das outras figuras da estampa, bastaria este para nos declarar paladinamente a paixão de Goya. *Volaverunt* é sátira mais alegre e graciosa: parece divertir-se com os caprichos e veleidades de Maria Teresa Cayetana, e adorna-lhe, por isso, a cabeça — como na estampa anterior — com asas de mariposa.

A estampa é graciosa. Sobre uma penha de três bruxas — como de santa em processo — acoradoras e vestidas de jaquetas toureiras, vai a Alba pelas ares, em atitude de patinadora — nova Vitória de Samotracia — com os braços estendidos em cruz e a mantilha ao sabor do vento. «O grupo de bruxas» — comenta Goya — que serve de penha à petimetra, mais do que necessidade é adorno. Há cabeças tão chelas de gás inflamável, que não precisam para voar nem de balões nem de bruxas.» Conhecia-a bem.

Em 1795, o pintor, já restabelecido da sua grave doença, mas surdo de todo, fez o retrato da duquesa, em traje directório, finamente dourada, se bem que metade boneca e metade manequim, que se conserva no palácio de Liria (*), e o do marquês de Villafranca, seu marido, hoje no museu do Prado. Parece que Goya é íntimo da casa. Descreve divertidas cenas da mesma: a catástrofe do ciãozinho da duquesa, doente ou ferido e mais tarde a duquesa com a sua pretinha Maria-Luz no regaço, desenho íntimo e gracioso; ou dormindo ou penteando-se; ou os dois deliciosos quadrinhos em que intervem a Beata, uma velha dona de muitas rezas, que devia ver o demónio por toda a parte, julgando acaso possuída dele a ventoinha da sua intrépida senhora. Tinha que derramar ao dia muitos cântaros de água benta...

Mas todos estes documentos não desviaram a ardente curiosidade das duas *Majas*. Tanto a nua como a vestida, foram — para a história ou para a lenda goyesca que tanto se confundem entre si — pedra angular da toadilha dos amores entre a duquesa e o seu pintor. Desde que houve notícia delas, rodeou-as sussurro misterioso de escândalo. Aparecem entre os bens confiscados a Godoy. Este recebeu-as da Casa de Alba, na opinião do sr. Ezquerria, da morte da duquesa. Supôs-se primeiro que eram retratos duma amante do príncipe da Paz. Pensou-se também — claro está — em Maria Luisa. Até parece ser que a Inquisição fez algumas vezes perguntas indiscretas a Godoy. Insinuam-no os srs. Allendesalazar e Sanchez Can-



GOYA — Sueño de la mentira y de la inconstancia

tón. Quando as levaram à Academia de San Fernando — 1813 — a tonta e hipócrita pacatez em voga teve-as ao princípio afastadas da vista do público, como se, da sua contemplação, pudesse sobrevir gravíssimo estrago moral ao mundo. Depois abriu-se mais a mão; expuseram-nas finalmente, e passaram, mais tarde, para o Museu do Prado, onde perderam o venenoso alento que delas se emanava e são hoje regosijo para a vista e gracioso escabelo da mexeriqueira histórica.

Mas não tardou muito em aparecer a tese da duquesa; a Cayetana, impaciente, dando aos eruditos, artista e curiosos cotoveladas de *maja de rumbó*, saltou para o meio da balbúria, reclamando os seus direitos. Indubitavelmente: a nua e a vestida eram ela. Nem Helena diante dos veneráveis de Troia sofreu tão atento e bondoso exame. A erudição, às vezes, caminha, prazenteira e assolapada, pelas sendas do Boccaccio... Bem hajam tais instantes! A duquesa Cayetana segue inflamando paixões depois de morta... e quem sabe se não dissimula Goya — na Pradera de los Asfodelos — o seu feroz aborrecimento de sombra com alguma suspeita ciumenta. Mas para a Alba também já não pode haver paz: esse endiabrado nu, electrizado de erotismo, dar-lhe-há guerra para muitos séculos.

A Goya não lhe faltaram rivais. Era muito que retratasse nua — divina, branca e vibrante ondulação carnal — a duquesa de Alba. Quiseram trocá-la pela barregã dum clérigo popular. — Vêde como persiste Boccaccio. — Não há dúvida que o Agonizante — que assim chamavam em Madrid ao bom clérigo pela arte com que exercia a sua missão — era um homem de bom gosto, merecedor por ele de ser promovido a cardeal. Os Madrazo, que contaram o lindo conto a Bernete, asseguravam que um deles, D. Luís, o tinha ouvido da boca de Mariano Goya, o neto do pintor, numa sobremesa, quando este passou por Madrid em 1867. Tal conto parece patranha. Torna o pêndulo à sua oscilação anterior. Novamente devolvem a Goya o corpo vimíneo da sua duquesa Cayetana. Quem melhor que ele, que tão bem o entendia, era merecedor de tal posse? Não façamos da duquesa — repreendend-nos agora os eruditos — uma freira recatada. No que a mim toca... Não se trata do idílio cômico entre o velho e a moça, não!... Goya era um homem robusto: Isidro, seu jardineiro, assegurou a Trueba que aos oitenta anos ainda se lhe inflamavam os olhos quando ia pela Flórida. Assim deve ser!... A Alba não era também nenhuma criança. A fazermos caso do sr. Ezquerria del Bayo — e até agora é quem mais dados nos dá — as duas



GOYA — Volaverunt

(*) Palácio de Liria. — Residência, ainda hoje, dos duques de Alba, em Madrid. — N. T.



Edward Willis tem um importante emprêgo ligado ao negócio de produções cinematográficas. Apesar disto, ninguém ainda o viu em fotografias, na tela ou em qualquer revista. Se o público soubesse como é a cara de Willis, certamente que ele não seria personagem tão valioso como é para os seus chefes no desempenho das suas funções.

Willis não tem título algum, mas nos *studios* chamam-lhe o colecionador de antigualhas. O seu uniforme é um trajo de roupas velhas, o que lhe dá uma pobre expressão; o seu campo de acção, as lojas de antiquários de Nova York, Nova Orleans, San Francisco e Los Angeles. E estas cidades são citadas na ordem da importância que assumem para as explorações de Willis, na sua busca de móveis antigos e autênticos para serem usados na tela.

Dizem nos *studios* que os 1.800 exemplares autênticos, colecionados por Willis, representam a coleção mais numerosa que possa existir em qualquer lugar do mundo. Apesar dos *studios* cinematográficos se orgulharem de possuir a melhor e mais maravilhosa coleção do mundo — desde fechaduras de porta até directores de produções, — será mais acertado dizer simplesmente que essas 1.800 peças constituem uma enorme quantidade de móveis, ou seja, mais que o suficiente para mobilar algumas centenas de habitações comuns.

Willis foi descoberto outro dia nos *studios*, e mostrou-se muito afável, respondendo a todas as perguntas do repórter curioso, a respeito do seu pouco conhecido trabalho para o cinema. Willis nunca teve qualquer notícia a seu respeito nos jornais e tão pouco recebe cartas de admiradores, mas ponde mostrar uma antiga mesa de carvalho toda esculpida, feita na Itália no século XI. — Uma senhora deu-me esta mesa em troca de uma moderna mobília de nogueira de sala de jantar, — disse Willis. — A mesa é formosíssima, um verdadeiro exemplar de colecionador, que vale inúmeras mobílias modernas!

Apontou em seguida para um grupo de quarenta cadeiras



esculpidas e todas douradas, da época de Luís XIV. — Comprei tudo isto em Nova York, na Décima Avenida. O proprietário de uma loja tinha-as colecionado durante vários anos com a esperança de que o estilo voltasse de novo à moda. Finalmente, o antiquário acabou por me vender todas estas peças e bem barato. E destas proezas se fez a fama de Willis.

Três belezas cinematográficas, Marlene Dietrich, que foi a «partenaire» de Janning's em *O Anjo Azul*, Joan Crawford, a *Vénus de Hollywood* e a linda mamá Norma Shearer

C
I
N
O
E
DOR DE
M
ANTIGUA-
LHAS
A
POR DONALD H. CLARKE

UMA FESTA NO CAMPO

No *Queimado*, terra de pastagem onde, segundo o Padre Carvalho, outrora foi Vila Nova da Rainha que um terramoto derruiu, teve lugar uma linda festa de «tenta por acôso e derriba». O dia 30 de Maio, uma sexta-feira com sol entre nuvens, sem calor e sem vento, antes agradável e suave nas tonalidades da luz, privou o ambiente das hostilidades veranicas que o sol já por este tempo costuma dardejar...

Entre a cornucópia que as searas prometem para a colheita a chegar dentro em pouco, um grupo de andaluzes nas suas *facas* de sangue, vem dar-nos um espectáculo verdadeiramente belo, a convite dos *ganaderos* portugueses Emílio e José Infante da Camara, que recentemente adquiriram em Espanha uma ganadaria associada. Foi uma «retenta» das bezerras que acompanharam a «ponta» de vacas importada.

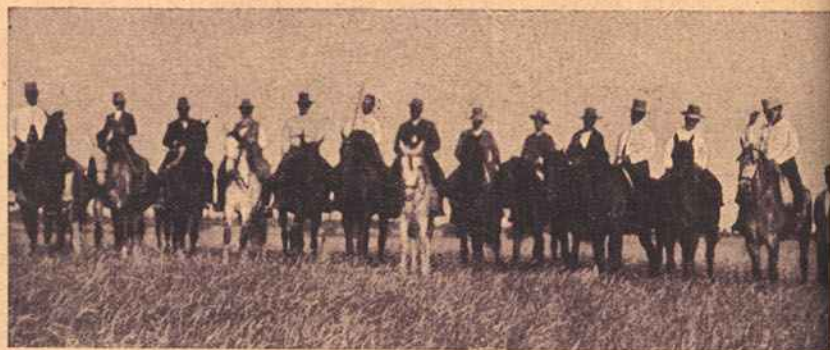
Está marcado para as 3 da tarde o início; mas, quando à 1,30 lá chego (após um percurso, em andamento apressado, de vinte quilómetros, que o meu hispano-árabe faz sem esforço), já os automóveis se contam por dezenas.



Campinos vestidos a rigôr, em lugares determinados, põem a nota mais garrida no cenário belo e grandioso da planície relevada. Aurélio Sanches Mejias, o exímio garrochista, tem trocado o *ata ancha* por um barrete verde que não larga até ao fim. Automóveis guardam, como *corbelles*, perfis graciosos que o Chiado conhece, à entrada da corte: é a nota da elegância citadina, o caprichoso artificio caído no meio da campina ruda a misturar fragrâncias etéreas de *Coty* e de *Guerlin* ao cheiro acre da pastagem.

A hora marcada começa o violento exercício, perseguição veloz de dois cavaleiros empunhando «garrochas» no encalço da garraia, saída por patas, a comer terreno na direcção da «crença», até que, em manobra combinada, torcida pelo cavaleiro que se adianta, é desequilibrada e posta no chão pela vara do outro, picando-a com impulso na anca, no momento fugaz do terceiro tempo do galope. Se é brava, levanta-se e pára-se — altura em que o picador entra e lhe aplica *puiazos*. Os quites são feitos pelo derribador cujo cavalo a traz engarupada num *temple* preciso de galope, parando-a de novo. Da maneira como toma os *puiazos*, o *conocedor* decide...

Sucessivamente saem, assim, garraias que as «colleras» vão acoçando e fazendo cair, no máximo da corrida mais ou menos episódica; mas sempre bela, empolgante, torneio cavalheiresco onde o homem se mostra, num aspecto de virilidade desenvolta, pelo desplante com que afronta o perigo, pelo sangue-frio de que carece para picar a tempo na ocasião fugaz e momen-



tânea. Toda a expressiva belesa do cavalo largado em sucessivas crispções de movimento, o ápice calafriante da queda desamparada e brusca, tagantadas de côr em momentos de retina, foram largo pasto da vista, constantemente embebida em novas variantes das impressões de conjunto.

Até ao soar das 7 horas, sem descanso, o movimento não pára na planície, todos os cavalos excitados partilham do frenesi e, de orelhas fitas, estremecem ao mais leve toque das pernas. Afóra do terreno destinado aos derribadores, galopa-se em tôdas as direcções, a fim de me-

nos: a erva profusa espirra até dos flancos dos valados, a dar-se viçosa à dentuça do gado e como que se vê crescer, a sentir-se pulsar, numa ânsia de exaltação à vida. Papoilas vermelhas, como nódoas sanguíneas, mordem de beijos fequdos a paisagem, a celebrar as bodas do Sol e de Mithra...

Só os cavalos de sangue têm patas e ventos para aguentarem assim uma tarde inteira de velocidade e resistência. Incansáveis e céleres como alfaras do deserto, eram essas *facas* de linhas distintas, inteiramente domadas, que os «caballistas» trouxeram até nós.

Da violência do exercício só pode avaliar quem tenha pelo menos tentado executar a «derriba». Embora ao cavalo caiba todo o esforço da impulsão (recebe tal choque nos rins, que é preciso vencer-lhe as resistências para o levar de novo!), é também para o cavaleiro extenuante prova, com exigências de aturado treino e solidês de *assiette*. Ao velho D. Eduardo Miura, em rapaz, a prática diária da «derriba» levou-o a uma demorada estação de repouso em S. Lucar de Barrameda.

O *Queimado* que também já foi Parque de Aeronáutica Militar, ficou assim na lembrança dos que lá foram, nessa linda tarde, como repatório de sensações estéticas, aviadas pela recordação de motivos de belesa, com rara frequência postos diante dos nossos olhos.

Ao debandar, uns raios de sol romperam a doirar o campo. E eu senti que não posso abandonar o culto do toiro, cuja imagem ornou os templos da Assíria.

Já a cidade de Anatólia, fascinada pelo lucro dos seus mercadores e do seu pórtio, abandonou o culto do toiro; mas este chamou a Água em seu auxílio e precipitou-a no abismo. Esta narração imaginária que os aedos repetiam, lembra-me na sua expressão simbólica, sempre que avisto a invasão desmedida das máquinas... E mentalmente clamo como os cruzados, no século XIII:

«Que Deus restitua a terra aos seus fiéis amantes!»

1930.

MOTTA CABRAL.

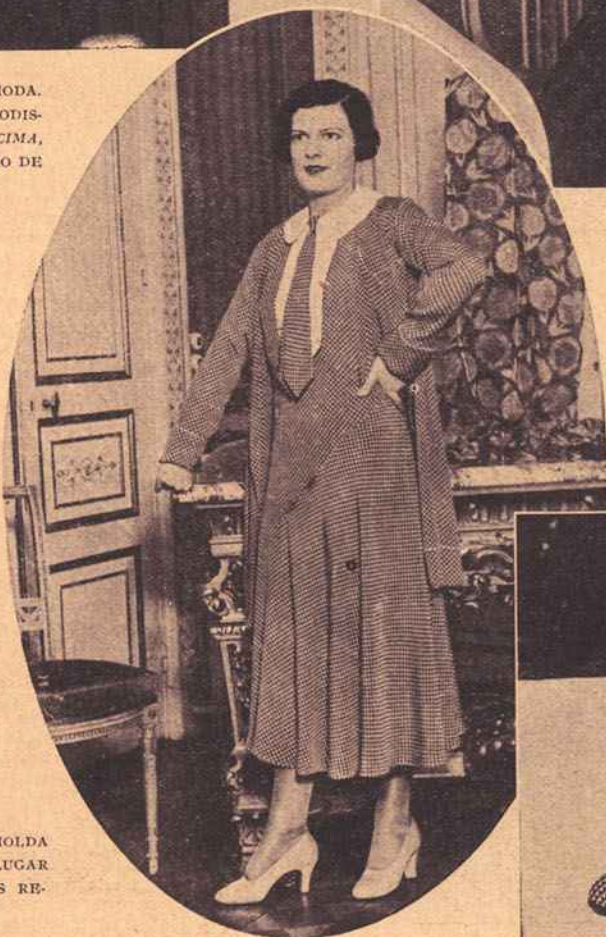


MODAS DE VERÃO



NEM SÓ PARIS DITA A MODA. BERLIM TEM GRANDES MODISTOS. REPRODUZIMOS, EM CIMA, UM BELO MODELO DE VERÃO DE GOLETZ & DUDAT, UM *TRES-PEÇAS* EM CREPE MAROCAIN AZUL ESCURO COM BLUSA EM IGUAL TECIDO BRANCO. NA CABEÇA UM FELTRO MOLE NO MESMO AZUL. O CASACO É APERTADO COM FITA AZUL E BRANCA, TAMBÉM EM MAROCAIN. SAIA DE PREGAS LARGAS, EM *PIECEMENTS* NOS OMBROS E MANGAS CORTADOS EM BICOS COMO A BLUSA

NO OVAL — UM MODELO DE PAQUIN, O COSTUREIRO-MÁXIMO DE PARIS. «ARLEQUINETTES», LINDO VESTIDO E JAQUETINHA EM CREPE DA CHINA AZUL DE PINTAS BRANCAS, PEITILHO E GOLA BRANCOS E GRAVATA TAMBÉM ÀS PINTAS. INTERESSANTE O CORTE DO CORPO DO VESTIDO, QUE MOLDA AS FORMAS, PARA DAR LUGAR À SAIA EM «GODETS», MAS REDONDA EM BAIXO



EM CIMA — O LINDO VESTIDO DE GOLETZ & DUDAT, DE BERLIM, DEPOIS DE DESPIDO O CASACO. VÊ-SE NITIDAMENTE O CORTE INTERESSANTE DA BLUSINHA SEM MANGAS

EM BAIXO — O ÚLTIMO REQUINTE DA MODA É O CALÇADO NO MESMO TECIDO E PADRÃO DA MALA. AQUI TEMOS UMA MALA DE TECIDO ENTRANÇADO E UM SAPATO DO MESMO TECIDO QUE SERIAM EXCELENTES PARA UM VESTIDO DE QUADRADINHOS

(Fotos Orrios.)



O PECADO DA NOSSA MÃE EVA

Eva — como tãda a gente sabe — iniciou a história da Humanidade, tentando o próprio esposo que, na melhor das intenções, ferrou uma dentada na fatal maçã, considerada nas cláusulas do arrendamento do Paraíso Terreal como «fruto proibido».

Os efeitos não se fizeram esperar. Os nossos primeiros pais foram expulsos do Eden, onde todos nós poderíamos estar ainda hoje se não fôsse essa negregada acção de despêjo sem apêlo nem agravo. O inocente casal que Jehovah criara à sua imagem e semelhança para povoar o mundo, caíra no divino desagrado, transmitindo aos pobres mortais um labêu inapagável.

O caso deu que falar e continuará a ser discutido enquanto o mundo for mundo...

Omar Khayyam, famoso poeta persa do século XI, afirmava em duas das mais lindas quadras do *Robayat*:

*«Adão e Eva, eu calculo,
na tristeza em que me vejo,
que amargo deve ter sido
o vosso primeiro beijo!»*

*Filhos dum amor maldito,
nós herdamos, sem perdão,
a carícia empeçonhada
do beijo da maldição!»*

Como teria sucedido êste desastre? O facto deve interessar-nos porque se trata duma herança muito nossa, embora dolorosa.

Entrando nos domínios de erudição mais profunda, não deixaremos de citar o vasto estudo que o sábio judeu Moysés Oppenheimer realizou sobre o mistério do pecado original.

Segundo Oppenheimer, o 1.º e o 2.º capítulos do *Gênesis* estão em completo desacôrdo.

«A história dos seis dias da Criação — diz êle — representa as ideias e as condições de vida dum grupo de caçadores e pescadores de largas vistas que levavam a vida caçando animais selvagens e recolhendo plantas silvestres comestíveis. Ostentavam uma cultura semelhante à que possuíam os índios norte-americanos antes da chegada de Cristóvão Colombo.»

Por outro lado, aparece o primeiro homem arvorado em lavrador afadigado que «terá de ganhar o pão com o suor do seu rosto.»

Qual dos relatos bíblicos é o verdadeiro? No texto hebreu original da Bíblia a distinção é manifesta no apelativo dado ao Criador Supremo. Num lado aparece como «Elohim», que se traduz por «Deus» e noutro surge como «Yahweh Elohim», que quer dizer «Senhor Deus». Idêntica diferença se nota em vá-



A origem de todo o mal?

rias paragens do Velho Testamento. Isto quer dizer que existem dois documentos antigos, de épocas diferentes e, provavelmente, de diferentes origens.

Atendendo a que nos tempos do maior esplendor e poderio da Judeia, sob os reinados gloriosos de David e Salomão, não existia a Bíblia tal como hoje a conhecemos, é muito natural que só após a vitória dos assírios se fizesse a coordenação dos livros lendários, poéticos e históricos e, assim, apparecesse o primeiro «Livro dos Livros».

Existiam muitas tradições antigas, poemas, provérbios, ditos e máximas de grandes homens, na sua maior parte da Babilónia — a pátria que fôra grande, populosa e culta dois ou três mil anos antes do nascimento de Salomão. Repare-se que o próprio Abraão, fundador tradicional da raça judaica, viera — segundo a lenda — da antiga cidade babilónica de Ur. Legiões enormes de viajantes e mercadores andavam, incessantemente, entre a Babilónia e a Judeia. Daí o intercâmbio de lendas entre os dois povos. Provando esta afirmação, foi descoberta há tempos uma placa de barro cozido, pertencente aos sacerdotes babilónicos e contendo uma narração do Dilúvio com o seu patriarca Noé, narração idêntica à que encontramos no texto bíblico. Esta placa de barro é mil anos mais antiga do que a nação judaica e dois mil anos mais velha do que a Bíblia.

E assim explica o sábio Oppenheimer as duas versões do pecado original.

No entanto, a tentadora maçã continuava a aparecer como corpo de delicto...

Pois quando a humanidade se encontrava plenamente convencida de que a causa de todas as suas desventuras caíra da mais bela macieira do Paraíso Terreal, levanta-se o sábio dinamarquês, dr. Ditlef Nielsen, e proclamar a inocência desta árvore, tantas e tantas vezes amaldiçoada injustamente.

O perfume da maçã não tentou os nossos primeiros pais, mas um fruto afrodisíaco chamado «peris», que os indianos consideram o sagrado inspirador do «Kama-Sutra».

Teve êste sábio a felicidade de encontrar um preciso quadro procedente dos tempos áureos da Babilónia, no qual figuram Adão e Eva, debaixo da árvore «peris», preparando-se para cometer o fatal delicto que, através dos séculos, nos deveria contagiar do pecado original. Eva, sempre bela e tentadora, oferecia ao seu ingénuo esposo um dos frutos dessa árvore maldita.

Logo, a maçã estava ilibada de tãda a culpa. O seu aroma que, em épocas saudosas, condensado no coração das arcaas velhinhas, serviu para incensar o enxoval das nossas avós, poderia continuar a embalsamar o hábito dos namorados sem o perigo de maiores delictos. Não foi a maçã que deu ao primeiro beijo de Adão e Eva o amargor que — segundo o lamento do grande poeta persa — tornou desgraçada tãda a Humanidade.

E esta consolação nos basta...



RECORDANDO . . .

O "CINEMA SONORO"

FEZ-SE EM PORTUGAL EM 1907

HA 23 ANOS, JULIA MENDES CANTOU EM LISBOA PARA UM FILME SINCRONISADO

Tôdas as tardes, quando Chiado se prepara para o chá elegante, encontro o meu amigo X.

Amigo X. não sei se é velho se rapaz. Está naquela idade, naquela altura da vida em que a gente vive de ter muitas saúdaes, e o olhar duma mulher causa perturbações de que os vinte ou trinta anos se envergonhariam.

Amigo X. é um velhote — bom rapaz que fala do passado como uma pessoa de cinquenta e tal anos, e olha de frente o futuro — como um moço de vinte e cinco.

Gosta do Chiado de agora com as pernas destapadas das raparigas; fala da velha Rua Garrett que se perturbava ante um pouco de tornozelo que se descortinasse ao subir para um *coupé*.

...Tôdas as tardes conversamos. Conversa variada. Ora se fala de mulheres de hoje, ora de outras que foram lindas e passam agora ao Chiado envergonhadas — por êle as ver assim.

Recorda-se a graça irreverente de Júlio Mardel, os remoques de Fialho e a verdade cortante de Gualdino ao mesmo tempo que se admira Aquilino Ribeiro.

Ontem — influência da época, talvez — falámos de cinema: dos filmes do Leitão de Barros e do António Leitão; das mil e uma pretenciosas vocações cinegráficas que pululam aí pelos cafés — uns de sobranceiras rapadas, outros atirando cá para fora com uma série de «palavrões» de técnica cinematográfica com que pretendem iludir-nos.

— Pois — começou o meu amigo X., que é um autêntico almanaque de lembranças — vão mais de trinta anos já que se iniciou a impressão de filmes em Portugal...

— Trinta anos?!...

— Sim, homem. Fizeram-se esforços sobre esforços...

— Homem! Conta lá isso...

— Sim... Há mais de trinta anos que se iniciou a filmagem entre nós. O João Freire Corrêa, da Fotografia Londres, da rua das Chagas, que era um fotógrafo muito distinto e o Manuel Cardoso, tentaram-se pelo cinema. O certo é que a determinada altura tinham um laboratório, deficiente, é claro, mas que serviu para fazer, entre outros, o filme que apareceu na revista *O da*



UMA FOTO... HISTÓRICA — Num pátio da rua da Palma, ante uma decoração de teatro, há 23 anos, a *divette* Júlia Mendes é filmada por João Freire Corrêa e a sua voz registada, em sincronização, por um fonógrafo. Note-se o pitoresco dos trajes, a caixa do Mimoso... que emprestou o chapéu à *trazeta* e a analogia do sincronizador com os actuais

guarda!, a solicitação dum dos seus autores — o Barbosa Júnior que tinha também a tentação cinegráfrica.

Ao Correia e ao Cardoso juntaram-se outros amadores que, após os inevitáveis e naturais fracassos, resolveram... desistir. Faltava-lhes a coragem. A persistência que é necessário ter nesta terra, para se sair vencedor de qualquer contenda do progresso com a rotina!!!

Mas o sonho, o grande sonho, o que os poderia compensar do esforço dispendido e do dinheiro gasto, era um filme comercial. Um filme que se exhibisse... e desse dinheiro e alento para novas tentativas.

Conseguiram-no um dia: em 1907, filmando algumas passagens da batalha de flores, que era de uso realizar-se na Avenida da Liberdade.

Este filme, foi o primeiro filme português comercial exibido na nossa terra.

Só depois disso, e com o conforto adquirido com o sucesso, se fizeram outros. Filmaram-se exercícios de bombeiros, da artilharia, da Escola Prática de Cavalaria. E deste — veja V. — tiraram-se vários positivos que foram vendidos para quasi todas as escolas de cavalaria do estrangeiro. Cêra de 200 cópias — uma delas até para o Japão.

— Mas, atalhámos, V., meu caro X..., que é uma elegantíssima crônica do velho Chiodo, não conseguisti ainda com as suas revelações arrancar-me a desejada exclamação...

— Também não o pretendo... Mas... V. não acha que já então se fez muito entre nós sobre o cinema, que a vocês tanto seduz agora?



O fotógrafo João Freire Correia, falecido em Maio de 1929 e que foi o verdadeiro precursor, em Portugal, do cinema mudo e falante

- Sim... Porém...
- O sonoro, vai V. dizer?!
- Talvez... o sonoro ou o filme sincronizado...
- Valha-o Deus, homem! O Correia, que morreu em Maio de 1929, fez um filme sincronizado com o Cardoso.
- Como assim?!
- É como lhe digo. E foi — se não erro — exibido lá fora.

— Conte lá isso...
— Pouco lhe posso dizer. Afirmando-lhe, porém, que sincronizaram vários artistas de teatro.

— Nomes? Venham nomes!
— Não me recordo... Espere... A Júlia Mendes... Sim, a inesquecível Júlia Mendes, que até cantou a célebre cançoneta a «Grissette» — que ela interpretava com aquela graça gaiata que lhe conhecemos.

— Mas dê-me mais elementos.
— Não me recordo... Espere... Parece-me que a sincronização foi feita numa casa da rua da Palma. O João Correia arranjou dois pequenos motores eléctricos. Ligou um à máquina do operador; o outro a dois fonógrafos. A cada rotação da máquina que o Correia manejava, correspondia, naturalmente, outra rotação no fonógrafo.

«Depois disso é que se fez «Os crimes de Diogo Alves» — um grande sucesso para a época, diga-se de passagem — mas que um dia a policia resolveu proibir... por «induzir ao crime».

«...Mas, causados de tantos dissabores, um dia o Correia e o Cardoso resolveram abandonar o cinema. Recolheram a casa com a consciência tranqüila, mas saturados de dissabores. Ninguém mais falou neles — que eu saiba. Mas V., que é jornalista, recorde lá numa gazeta o Correia e o Cardoso e o seu cinema sincronizado — não vá aparecer um dia por aí a primeira tentativa entre nós...

LUÍS FIGUEIRA.

A DUQUESA DE ALBA

(Conclusão da pág. 28)

Majas, a nua e a vestida, foram pintadas em 1797, na altura em que se fez o galhardíssimo retrato da duquesa ataviada de maja, hoje na Hispanic Society, de Nova York, no Coto de Doñana, onde a duquesa, recentemente viúva, fazia temporada de descanso... e talvez... lua de mel com Goya... Já tinha este então cincoenta e um anos; a Alba, trinta e cinco. Impõe-se, no entanto, uma objecção, e permita-se-me ao menos uma vaga incursão por terreno vedado: a maja nua é um corpo terso e florescido, vinte anos quando muito... A ser como o sr. Ezquerria supõe, maravilhosamente conservado tinha o seu a senhora duquesa.

Seja como fôr, seja no Rossio em 1797, ou ao ar livre no Prado — quererá dizer no Prado? — como insinua Von Loga, recebendo a notícia de D. Pedro de Madrazo, o certo é que os dados históricos que se conhecem e mesmo a consideração da estrutura plástica do *nú*, coincidindo com o que se lobriga sob os atavios e roupagens dos retratos conhecidos da Alba, fazem com que a maioria dos entendidos se inclinem a dar por histórico o que outros pretendiam fazer passar por lendário.

Para D. Pedro de Madrazo — observação recentemente adoptada pelo sr. Ezquerria, que tem todo o ar de ser certa — embora considere «bem provado que a Maja deitada não passou

de ser uma bonita gaiata», o primeiro proprietário das duas Majas (não diz êle quem foi: foi a Alba) — teve a nua oculta debaixo da vestida «durante algum tempo, com o pecaminoso fim de contemplar a sós a rosa sem a folhagem» (Sic). A circunstância de terem pertencido as duas à duquesa de Alba, estando a ocultar-se uma à outra púdicamente, é outro indício favorável a considerá-las como retratos «corporais» do tormento e delícia de Goya.

Mas, e esse denho da Biblioteca Nacional em que uma moça de finíssimas prendas se volta de costas para mostrar belamente o que a Calípgia de Nápoles nos exhibe? Representa a Alba em tão grandioso alarde? E porque não? Os entendidos dizem que sim... Admitamo-lo, pois. Porque bem pôde a Cayetana — num arrebatado da sua ardente fantasia — ter exposta à luz ante o olhar faunescos do pintor a parte mais redonda e volumosa das suas graças secretas, ou, posto em transe tão rococó, Goya podia também ter feito o desenho de memória, sem necessidade de que o modelo «posasse» nem sequer o tempo dum relâmpago. Sofre com isso o decôro da grande dama e do pintor?... Corram os senhores, se lhes aprez, o pano sobre a scena...

Por último, no retrato que Goya fez à duquesa em 1797 há uma muda declaração dos seus amores, uma aliança quasi: na mão que aponta a

assinatura e a dedicatória do pintor, voltada para os olhos da Alma, há dois aneis: gravado no primeiro, lê-se: Alba, no outro: Goya.

Conhecidíssima é a carta de Goya a Zapater — 2 de Agosto de 1800 — que começa assim: «Mas te balia benirme a ayudar a pintar a la de Alba que se me metio en el estudio a que le pintase la cara, y se salio con ello, por cierto que me gusta mas que pintar en lienzo...» Deixa no ar o seu retintim de alegre satisfação...

Dois anos depois a Cayetana rende misteriosamente a sua vida a Deus. Honve um processo e prisões. Por herdeiros dos seus bens disponíveis, deixou os seus criados. Para Goya não há menção. De-certo não podia havê-la sem escândalo. Projectou este para a cinza da chama da sua dona um sepulcro de clássica estirpe — do gosto da nudez arquitectónica actual — no qual pintou o corpo morto da duquesa — florescente ainda na morte, e não em ruína, como naqueles anos a pintara Maria Luisa — levado a enterrar por encapuchados fantasmas de *Los Caprichos*.

Não passa, pois, ao que parece a duquesa de Alba pela vida de Goya, inspirando sómente linhas, formas, imagens, côres...

JUAN DE LA ENCINA.

(Exclusivo de «Ilustração»)

MARINHA

COMO SE VIVE
EM PERIODO
DE EXER-
CÍCIOS

Estamos a bordo do *Tâmega*. São dez horas. As chaminés do contra-torpedeiro expõem densos rolos de fumo negro, que a ventania rapidamente desfaz. O «gasolina» que nos trouxe do Arsenal para bordo está já nos «turcos». Tudo a postos.

O comandante Vieira de Matos, binóculo ao peito, uniforme cinzento, fisionomia rude de homem do mar, vai para a ponte. O imediato manda tocar «à faina». No castelo da proa forma lesto o piquete de manobra. As ordens do mestre o pessoal procede ao trabalho de largar o navio da bóia. A bandeira sobe no penale, na ponte do comando soam os primeiros sinais para a casa das máquinas. E o contra-torpedeiro começa a descer o rio. Por bombordo e estibordo vão ficando para a rectaguarda torpedeiros e canhoneiras cujas guarnições se perfilam em continência à nossa passagem.

A casaria da cidade envolta em fumarada e neblina torna-se confusa mancha cinzenta. E lá longe a torre de Belém, tóda branca, debruça-se sobre as águas mirando envaidecida a própria imagem...

Vamos navegando a dez milhas. Passamos as bases da Aviação Naval e dos Submersíveis. Dois hidros alvos como lindas pombas, preparam-se para a largada a-pesar do tempo enevoadado e duvidoso.

Um submarino está amarrado à boia próximo de terra. O «destroyer» começa aumentando o andamento. Onze, doze, treze, catorze milhas...

Na ponte o comandante procura o enfiamento para sair a barra pelo «corredora». E ouve-se a sua voz a cada instante:

— Bombordo! Assim! Estibordo leme...

Lá fora há rebentação e a linha do horizonte está confusa. Passamos entre torres e metemos ao largo. Não começar as provas de velocidade.

O navio balança bastante. A velocidade aumenta gradualmente. Navegamos a 18 milhas. Lá em baixo na casa das máquinas e nas fornalhas, a azáfama é formidável. Os marinheiros cobertos de pó negro de carvão, suam sem bicas como soi dizer-se. Mas a faina não cessa e a velocidade do navio continua aumentando. Alcançámos já as 22 milhas. Cachões de espuma chegam até à ponte do comando impedidos pelo vento rijo de S. W. Vagas enormes desfazem-se estrondosamente contra o costado. Começa a chover. O «destroyer» navega já a 24 milhas. O convés é um lago de água que es-



Depois dos exercícios, o torpedo é introduzido verticalmente no submarino

corre constantemente para o mar. Mas o comandante não está ainda satisfeito e o navio alcança 25,5 milhas, velocidade que mantém por algum tempo, navegando, por vezes, debaixo de núvens de espuma.

Terminada a experiência, é reduzida a velocidade e o «destroyer» toma o rumo da baía de



O hidro-aeroplano 52 amarrado junto dos submarinos

Cascais onde fica pairando, para ser servido o almoço que é nessa altura muito bem recebido.

A neblina começa a levantar e o Espichel enorme, estendido sobre o Atlântico, divisa-se então nitidamente.

A vida nos «destroyers» se tem algo de pitoresco, mesmo de interessante, não deixa por isso de ser extenuante e por vezes enfadonha.

Mas num submarino não se vive. Ai morre-se! Um submarino é a ilusão da vida. Um submarino não é um navio. É um tubo de aço, forrado de mil e uma engrenagens e maquinismos complicados, mal ventilado e onde a luz artificial é fornecida por meia dúzia de lâmpadas eléctricas.

E dentro desses tú-

PORTUGUESA

A BORDO DE UM
CONTRA-TORPE-
DEIRO OU DE
UM SUBMER-
SIVEL

mulos para vivos, trabalham dedicada, mesmo abnegadamente, vinte e um homens! Nos nossos submersíveis assim é. Para ter veneração por essas guarnições há necessidade de visitar um submarino e apreciar a disciplina, a boa vontade, o espírito de sacrifício e a grande competência de quem os tripula.

O navio largou rio abaixo para fazer uma imersão fóra da barra. Ao largo da baía de Cascais, tudo está a postos. No convés ninguém. As escotilhas fechadas. O comandante dá a primeira ordem:

— Fecha a porta da torre.

E logo a seguir:

— Abre alojamentos dos duplos fundos.

A água entra em borbotões e sente-se o início da imersão.

De novo a voz do comandante:

— Abre a colectora.

E o navio mergulha mais, regulando-se a profundidade com as reservas de fluatibilidade. O barulho dos motores é ensurdecedor. O submarino continua navegando em imersão. Sente-se o ar mais viciado. A vida torna-se mais difícil. Mas vamos voltar à superfície. A imersão foi pequena. A voz do comandante ouve-se de novo em ordens secas, cuja execução traz o navio à superfície lentamente.

Passado pouco tempo a água invasora está expelida e o navio encontra-se de novo sobre o mar, escorrendo água.

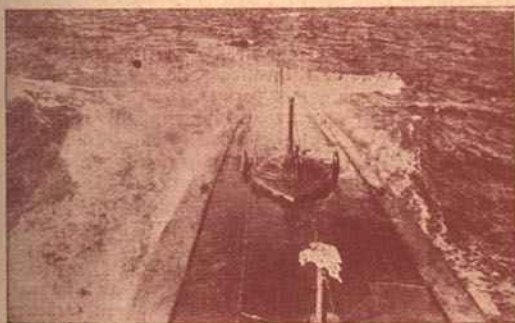
Abrem-se as escotilhas. E a vida entra com dificuldade para essa galeria de aço, onde se morre lentamente, na bela ilusão de que se vive...

Grandes guarnições das dos submersíveis!

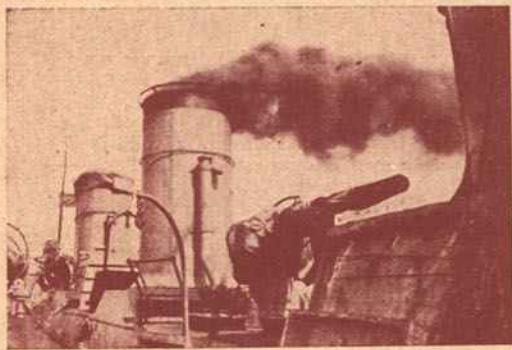
Para elas o lema é apenas: Abnegação, coragem e sacrifício!

Honra e glória para aqueles que tão dignamente sabem interpretar a divisa da Marinha de Guerra Portuguesa: «A Pátria honrai que a Pátria vos contempla».

MAURÍCIO DE OLIVEIRA.



O Golfinho navegando com mar picado ao largo do Cabo Espichel



Um detalhe a bordo do *Tâmega*, em navegação a todo o vapor

AS FILIGRANAS PORTUGUESAS



Costume do Douro

Há uma indústria tradicional entre nós que é de singular encanto — a das filigranas de ouro e prata. O metal estirado na fiação faz inveja ao linho nas suas maçarocas de aroma agreste.

As rendas, as filigranas, os bordados a ouro e a sêda formam família artística, onde são artes irmãs. O fio cria beleza, como o traço do artista cria vida. Linho minhoto, linha de ouro e de prata nas oficinas do Minho.

Aquele linho da quadra vianesa —

*Quem me dera ser o linho
Ai dêsse que vós fiaís!
Quem me dera tantos beijos,
Como vós ao linho daís.*

(Alfonso do Paço, *Canc. de Viana do Cas.*, tomo, n.º 1231).

— que por lá faz rendas e faz bordados, com alvura chocante.

Aquele fio leve e de maravilha, cujo elogio é ainda uma quadra por certo minhota que o faz:

*Tendes um lindo cabelo
Pelas costas ao comprido;
Parecem-me fios de ouro
Ao martelo rebatido.*

Quadra esta que tem tóda a côr local e mestral de quem conheceu o officio e viveu nêle, dêle ou junto dêle.

As oficinas da filigrana aglomeram-se em regiões definidas na velha província de Entre Douro e Minho. No sul, apegadas ao Douro, adensam os centros ourives pelo canto de Sudoeste, num arco de ouro à volta do Porto de ourivesarias em cordão: Rio Tinto, Valbom, S. Cosme de Gondomar, S. Pedro-da-Cova. Ao centro, terras de Braga, fixou-se a formosa indústria à volta da Póvoa-de-Lanhoso, em Oliveira, Sobradelo, Travassos. Ainda pelas cercanias de Guimarães se trabalharam o ouro e a prata nas feiras de Castêlões, hoje porém extintas.

São estes os centros produtores da ourama de adorno e de recreio, que deleita o gosto decorar da mulher do Minho e os nossos olhos

que a vêem. E aí estão exemplos de indústria com vida ampla, que o largo consumo compensa pela predilecção dada aos objectos produzidos. É indústria que não precisa de incentivos externos, porque a sua vitalidade provém de estímulos internos e íntimos.

Nessas oficinas, é certo, fabricam-se *arrecadas*, *brincos* e *arrieis* para as orelhas, *colares*, *grilhões*, *trancelins*, para o pescoço, *pulseiras*, *manilhas*, *anéis*, e as *guarnições*: *crucês*, *imagens*, *corações*, *estrelas*, *flores*.

A variedade de formas, a elegância das jóias, a leveza e dimensões, dariam belo mostruário — ou melhor, dá-lo hão — em futuro museu industrial das artes industriais portuguesas.

São as *arrecadas* com feitto de crescente, ora finíssimas nas *arrecadas de pensamento*, designativa poética de admirar, ora serpentiniformes, *cobrazinhas* que lhes dão o nome de *arrecadas de bicha*, ou metonimicamente *bichas*, ora adelgaçadas do centro para os extremos como as *sanguessugas* em acção, as *africanas*, ora aberta e então com o nome de *arrecadas de alfinete*. As *arrecadas* circulares são — a *rainha*, oscilando pomposamente na maior imponência do péso, da forma e da decoração rebatida.

Depois: os *brincos* de campainhas, os *brincos* de conta, os *brincos* de fuso; os *arrieis*, *anéis* de ouro, o uso dos quais se estendeu até às orelhas dos homens, os *colares*, que vão, em magnificência de dimensões e porte, desde o *trancelim* de fio encadeado aos grossos elos dos *grilhões* de muitas voltas.

O que porém atinge perfeição de forma e de concepção realista é o trabalho imponderável da filigrana. Aí são artistas de sensibilidade formosíssima os nossos *aurífices* populares. A filigrana é, como a renda, um trabalho de teia de aranha e de espuma a desfazer-se.

Na indústria da ourivesaria, — com os seus ourives de ouro e ourives de prata, conforme se distinguem uns dos outros na organização tradicional do trabalho, — há a filigrana sacra e a profana. Assim foi e assim é. Sempre, porém, a filigrana foi elemento decorativo de primeira ordem, como a ourivesaria é



Liteira com seus ouros

essencialmente de todos os tempos a arte decorativa por excelência.

Temos de ligar a filigrana à natureza das obras guarnecidas por ela. Assim, vêmo-la nas peças de uso religioso, na joalheria de adorno pessoal, em objectos de utilização doméstica e em verdade nos bordados de vestes sacerdotais e em estofos.

Da ourivesaria portuguesa se têm ocupado, com distinção, alguns historiôgrafos. E, se nem tóda a história e, melhor do que isso, se nem todo o espirito criador e a técnica indígena dos nossos ourives estão perfeitamente estudados, o que se revela em todos os estudos desta arte é a corroboração do que Sousa Viterbo afirmou: «a ourivesaria tem sido uma das indústrias mais cultivadas em Portugal, uma das poucas em que os nossos artistas podem rivalizar com os estrangeiros» (*Notas ao Catálogo da Exposição de Arte Ornamental*, de Lisboa, Lisboa, 1883, III, p. 6).

A *Ourivesaria Portuguesa* do prof. Joaquim de Vasconcelos, «ensaio histórico até fins do século xv», inserto nas *Notas sobre Portugal* (Lisboa, 1909, vol. II, p. 235 a 269) é uma prova completa desta arte no génio dos artistas portugueses, a que mais liga o espirito do artista ao destino do artefacto. O estudo consciencioso do illustre professor foi confirmado, no que representa de intenção e técnica, pela conferência acêrca da *Evolução dos cálices na ourivesaria portuguesa do século xii ao século xviii* (*Esmeralda*, revista de Lisboa, 1927, de n.º 24 a 30).

Sem querer pormenorizar, além do necessário e oportuno, a bibliografia da nossa literatura da especialidade, tenho de chamar a atenção para a monografia do professor João Couto, *Ourivesaria Portuguesa*, do Livro de Portugal, na Exposição de Sevilha, que condensou hábilmente em quarenta e duas páginas o quadro panorâmico da nossa arte de ourives.

E o que sejam em especial as filigranas, a sua indústria localizada, o seu carácter, a sua técnica tradicional, os modelos, estudou-o na *Portugália*, a melhor revista de cul-



Um rancho de minhotas com seus trajos e jóias característicos

tura enográfica de algum dia no nosso país, o sempre saudável Rocha Peixoto (Tomo II, p. 540).

João Couto, a pág. 33-34 do seu trabalho tem estas palavras justas para os filigraneiros: — a «arte dos filigraneiros, uma das que mais e melhor se têm perpetuado através da acidentada história portuguesa, vinda dos tempos mais remotos, ainda hoje tem, no Porto e Gondomar, excelentes e tenazes cultores; e será porventura às suas modestas oficinas que, mais de uma vez, teremos de ir procurar iniciativas e estímulos para o trabalho de alguns dos melhores momentos da nossa ourivesaria».

Exacto. A ourivesaria decorativa de adorno pessoal procede das formas primitivas do enfeite. E, ou fôsse ornamento corporal ou insígnia religiosa ou talismã, ou o misto de todos estes caracteres, vem desde muito cedo nas civilizações pre-históricas o uso de elementos decorativos móveis no corpo humano. A necessidade mental de adornar o corpo é anterior ao emprêgo do traje, cujo aparecimento obedeceu a razões externas, como são as condições climatéricas do meio. A própria pintura corporal é adorno e é defsa contra os insectos e até contra os elementos meteorológicos. De êsses elementos, adoptados consoante o grau do progresso, material e técnico, e de concepção de vida, distinguiram-se, como hoje se faz entre os povos incultos, os de simples gosto decorativo e os de simbolismo religioso.

Nas grutas e cavernas, nas terras da Emilia, desde as margens do Mosa (Ed. Dupont, *Matériaux*, II, 489) aos terrenos subapenínicos (Thioly, *Matériaux*, I, 527) e aos Pirenéos (Garrigou e Filhol, *Age de la pierre polie dans les cavernes de Pyrénées Ariégoises*, p. 32), etc., encontram-se objectos de adorno, feitos de conchas furadas, com diversos feitios, e artisticamente trabalhadas (Aurignac), ora na forma de discos, chapas triangulares, pendeloques amigdaloides. Em Ez-Lentillères, cêrea de Dijon, foi encontrado notabilíssimo adreço constituído por uma armila feita de enorme concha de pectúnculo, um anel de concha espessa, e muitas conchas triangulares com orifício cantonal para colar como usam hoje os Neocaledónios. Bertrand, Marchant, Cartailhac... estudaram nos despojos das grutas e dos dólmenes as conchas decorativas.

Entre nós, o prof. Mendes Correia, com quem tanto temos que estudar os que nos prendemos a estudos étnicos, — e por mim em Portugal são dois os mestres, Leite de Vasconcelos em Lisboa, Mendes Correia no Porto, — reuniu em *Os Povos Primitivos da Lusitânia* (Porto, 1924), a informação correspondente: «objectos de adorno, como colares de pedras, conchas ou ossos», na primeira fase eneolítica (arredores da Figueira); «braceletes e botões de osso, êstes últimos perfurados em forma de Y», na segunda fase (Belas, Sintra, Senhorim); «contas de âmbar nos colares; laminasitas de ouro», no período de pleno eneolítico (Marcela, Belas, Avis, etc., sempre em dólmenes) (págs. 195-196).

Surgem já peças de ouro, como se vê. E continuam no diadema de Santa Maria de Lobbelle, com colares de contas de pedra, de conchas, âmbar. Vêm os braceletes de bronze e de ouro, os troques, as armilas, as mari-lhas dos tesouros de Lebução, Penela, Penha Verde em Sintra, Almôster, Cortinhas, Évora, Arnozeda, Folgozinho, Telões, etc., estudados por Gabriel Pereira, Ricardo Severo, Martins Sarmiento, etc. As fibulas, avoengas dos alfinetes de mola, eram objectos de adorno e de utilidade, admiravelmente estudados por José Fortes (*Portugália*, vol. II).

Muitos dêstes achados manifestam formas ancestrais das que perduram nos ourives do Norte. Em Castro de Laundos (Póvoa de



Camponesas de S. João da Madeira com seus trajes antigos, vendo-se uma com os seus corações de filigrana

Varzim) e Afife appareceram arrecadas de ouro, que tanto pela forma aberta, como pela ornamentação, diríamos podêrem ser feitas por ourives de hoje, e trazidas por mulheres de hoje. Em essas peças antigas podemos vêr as formas actuais.

E por êsse mundo morto de achados topamos com os berloques pendentes, as campânulas decorativas, a ornamentação de traço. O troques (colar) de Cortinhas é formado de dois fios torcidos, entrançados em grupo e fundidos nos topos num só ramo.

A estima do ouro aumentou com a facilidade de o obter, e é na mulher uma aspiração essencial. A miuhota com o seu instinto decorativo é a mulher mais oirada de Portugal. A profusão de peças de ouro, se é fundamentalmente feminina pelo orgulho da proveniência e da atenção que provoca, não deixa de ser regional pelas circunstâncias históricas e pelo carácter da população.

Assim, causas internas e externas produziram a fixação da ourivesaria popular no Minho, onde ser ourives é glória.

*O meu amor é ourives,
Já me deu uma aliança;
Agora dá-me um cordão,
Pra comprar a confiança.*

S. Simão de Novais (F. Pires de Lima, *Cont. de S. S. de Novais*, n.º 887).

As influências estranhas que incidiram nos nossos ourives da filigrana, desde os nós dos cálices românicos de D. Dulce, de Alcobaga,

ao Museu de Arte Antiga e de S. Miguel de Refojos, no Museu de Ourivesaria e Tecidos, de Coimbra (séc. XII) e da cruz processional de D. Sancho I, no Museu de Arte Antiga (séc. XIII), terão vindo, por terra e mar, das filigranas litúrgicas e jóias filigranadas de Limoges como os esmaltes, e de Veneza, o *opus veneticum*, *opus ad filum de opere venetico* do inventário do Tesouro da Santa Sé, em 1925, sob o pontificado de Bonifácio VIII. Essa influência ter-se há exercido mais por via artística do que comercial, através das migrações da arte bizantina.

Em peças de arte religiosa vemos a filigrana em cálices e cruces, românicas e góticas, com decoração delicada, relicários e outras peças: a caldeirinha de cristal e hissope do Mosteiro de Lorvão, no Museu de Coimbra (séc. XVI), e rosários e jóias como as da Princesa Santa Joana, em o Museu Regional de Aveiro (séc. XV-XVI), arcazinhas, com formosas guarnições de filigrana. Em outras peças foi talvez o fiado da filigrana que inspirou o buril e repuxado nas decorações lineares, até aos séculos XV e XVI, sem desatender que daí proviessem outros elementos decorativos de maior leveza.

Objectos de formas e utilidades múltiplas se fazem hoje e se espalham por Portugal, de filigrana de ouro e de prata; caixas, caravelas, açafates... continuando através dos séculos a arte dos ourives populares.

LUÍS CHAVES.

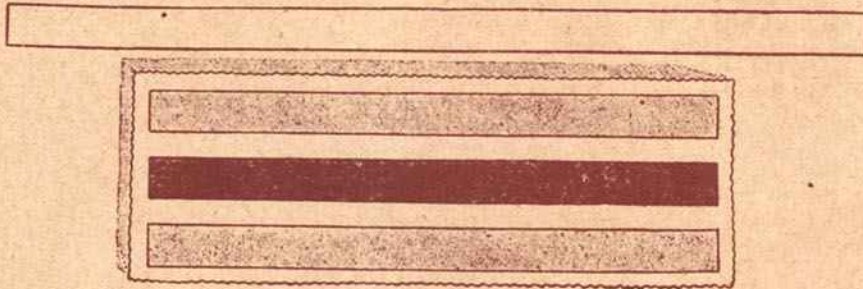


Passatempo

AS QUATRO FITAS

(Passatempo)

Temos aqui três fitas de igual comprimento: uma preta e duas cinzentas. Por cima delas, está, como vêem, uma fita maior, branca.



Ora o que há a fazer é pegar nesta e assentá-la sobre as outras três, que se não tiram do lugar onde estão; e dobrando aquela de certo modo, far-se-há, cuidadosa-

mente, com que, das três primeiras, não fique visível senão:

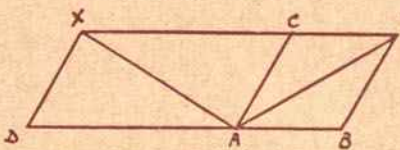
Dois quadrados cinzentos e um quadrado preto;

Dois trapézios rectangulos cinzentos e dois pretos;

Um triangulo cinzento e um preto;

Um rectangulo cinzento.

ILUSÃO ÓPTICA



Embora custa a crer, à primeira vista, facilmente se provará, medindo-a, que a linha A-Y é igual em tamanho à linha A-X.



EM ATRAZO

A esposa do sábio:—Recordas-te, meu querido, que faz hoje vinte e cinco anos que me pediste em casamento?

O sábio (distráido):—Vinte e cinco anos! Valha-me Deus! Devias ter-me lembrado isso já. É tempo e mais que tempo de nos casarmos!



RAZÃO FORTE

D. Eulália:—Acredita na hereditariedade, sr. Mendes?

O Mendes (que possua mais fortuna do que instrução):—Se acredito! E tenho boas razões para isso. Foi assim que adquiri a maior parte da fortuna que tenho.

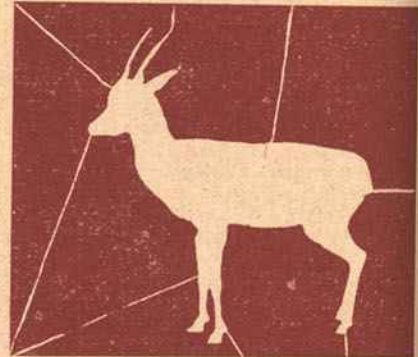


Um cocheiro encontra dentro do seu carro um magnífico pargo, que vai levar à esquadra de polícia.

—Muito bem, meu caro—diz-lhe o chefe—volte cá daqui a um ano e um dia, e se até lá ninguém tiver reclamado o pargo, éle é seu.

A CORÇA ESCONDIDA

(Solução)



Aqui está ela. Encontraram-a?



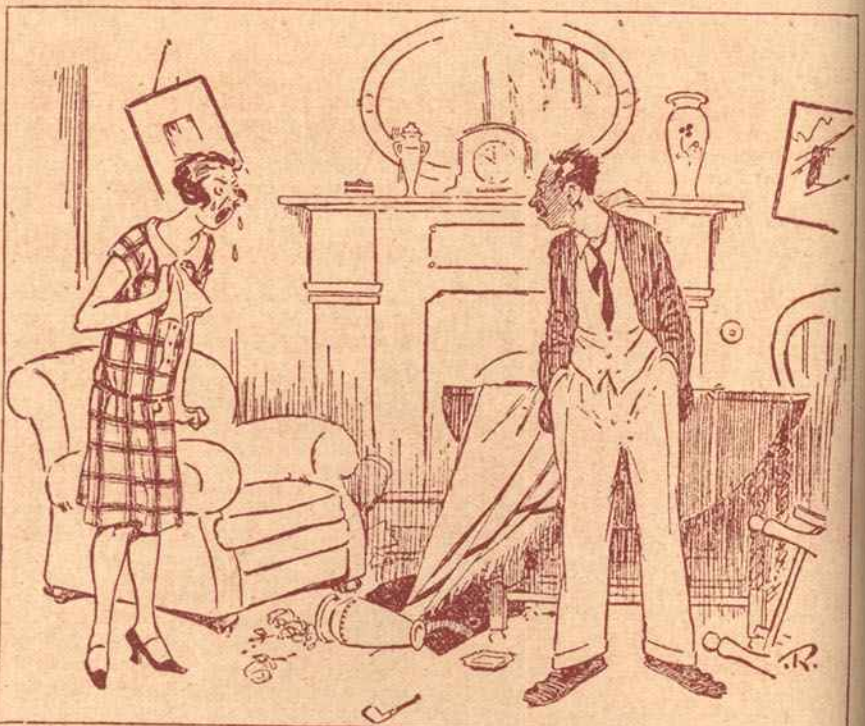
PRECAUÇÕES

Anibal:—Dize-me cá, tomas algumas precauções contra os micróbios?

Diogo:—Tomo; fervero sempre a água e em seguida filtro-a.

Anibal:—Ah! sim?

Diogo:—Sim. E depois, cada vez que posso, não bebo senão cerveja.

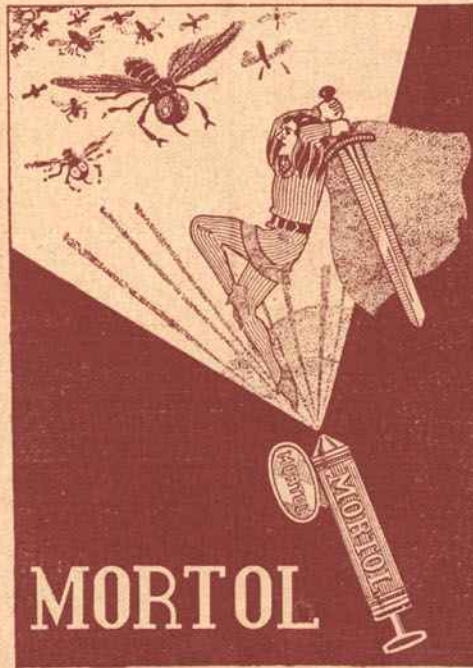


A esposa, furiosa:—Já te digo, se a minha mãe não estivesse para deixar o meu pai, para vir viver connosco, deixava-te eu, a ti, para ir viver com éle!

**EIS O INSECTICIDA LIQUIDO
POR EXCELENCIA**

MORTOL

(MARCA REGISTRADA)



O INSECTICIDA **MORTOL**

**POSSUI UMA EFICÁCIA DE 30 % SUPERIOR
A QUALQUER OUTRO**

A' venda nas principais drogarias, mercearias, etc., e por grosso na

Shell Company of Portugal, Limited

RUA DO CRUCIFIXO, N.º 49

Delegações em Porto, Coimbra e Faro

Agencias em todo o País



O pó de arroz
ETOILE NOIRE
de
GELLÉ FRÈRES
PARIS

dá à pele uma beleza e uma
frescura incomparáveis.

De finíssima qualidade, quasi imperceptível, não
mascara e deixa na pele o seu perfume unico,
persistente e cativante.

Experimentá-lo é preferi-lo para sempre!
Experimente-o, minha Senhora.

A' venda em todas as boas Casas

AGENTES GERAIS **STETTEN & C. Lda** 118 RUA DA MADEIRA LISBOA

REPRESENTANTE NO PORTO: LUIS VEIGA — RUA DAS FLORES, 192, 1.º



OLHAR QUE FASCINA
com o ondulador **RODAL**
das pestanas

Que é um engenhoso
aparelho que permite
com o Fard Rodal Cos-
mético, em alguns se-
gundos, arquear as
pestanas tal como nós
vemos nas artistas de filmes norte
americanas. Alongue as suas pestanas com os pro-
ductos **YILDIZIENNE** da



ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

As mais luxuosas instalações — DIRECTORA: MADAME CAMPOS
AVENIDA DA LIBERDADE, 35 — Peça catálogo gratis

História de Portugal

— DE —

ROCHA MARTINS

2.ª Edição

Descobrimiento do Brasil — O fausto do reinado de D. Manuel. — A côrte portuguesa. — A fundação do teatro nacional. — Os historiadores portugueses do seculo XVI. — As consequencias do descobrimento do caminho marítimo para a Índia. — O nosso imperio do norte de Africa. — O significado do esforço português no Oriente.

Interessantes biografias
Lindas narrativas
Numerosos mapas

Os pedidos que se receberem serão satisfeitos com a remessa da obra num só volume ao preço de 35\$00, que pode ser cobrado pelo correio. Todos os pedidos devem ser dirigidos à filial e ás sucursais do *Diário de Noticias* e também se recebem assinaturas em todas as livrarias.

Leitura agradável

ROMANCES POPULARES

A Torre do Nesle
Sonho de Amor
O Calvário do Amor
O Homem do Fato Cinzento
O Colar da Morta
Os Companheiros do Odio
O Ás do Pedal
Satanás
Guida — A Florista

Todos estes livros, com lindas capas, estão á venda na Livraria do «Diário de Noticias», Largo Trindade Coelho, 10 e 11 — LISBOA — — —

Grande novidade literária

CAMINHOS DA VIDA

POR

D. HELENA DE ARAGÃO

É o título de um dos mais formosos livros ultimamente publicados em Portugal. Contendo 14 admiráveis contos esta obra deve figurar nas estantes de todas as mulheres da nossa terra

Preço 8\$00 — Á venda na livraria do **DIÁRIO DE NOTÍCIAS** — L. Trindade Coelho, 10 e 11

A ultima novidade literaria do nosso meio é:

ERICH·MARIA·REMARQUE



**NADA DE NOVO
NA FRENTE
OCIDENTAL**

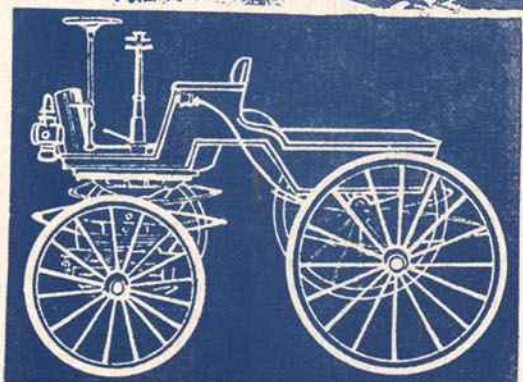
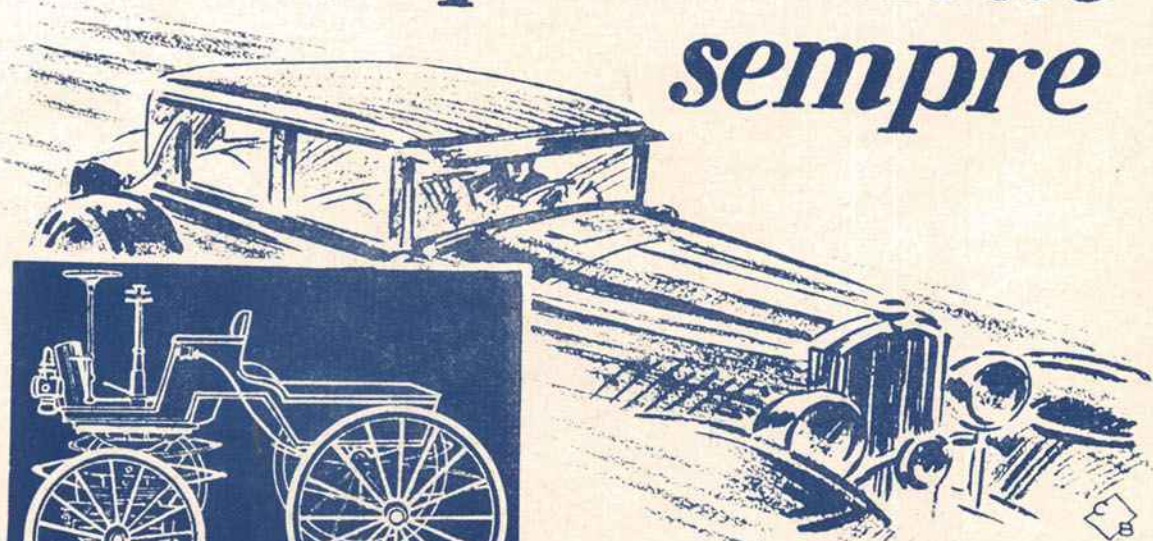
LIVRARÍAS AILLAUD & BERTRAND

A obra que tem alcançado maiores tiragens
em todas as linguas do Universo

Um volume brochado, 10\$00

Pedidos ás livrarias AILLAUD E BERTRAND

Acompanhando sempre



o progresso do automóvel

Desde que se construiu o primeiro automóvel, os óleos «Mobiloil» têm sido constantemente aperfeiçoados.

Hoje, mais do que nunca, os fabricantes de motores recomendam o máximo cuidado com a lubrificação, pois que são necessários óleos que resistam às consideráveis pressões e altíssimas temperaturas, devidas à velocidade.

O emprêgo de «Mobiloil», segundo as indicações da Tabela de Recomendações Mobiloil, assegura uma perfeita lubrificação de todo e qualquer automóvel — e por consequência do carro de V. Ex.^a.



Mobiloil

Guie-se pela nossa Tabela de Recomendações

V A C U U M O I L C O M P A N Y